



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Mariana Teixeira Avvad

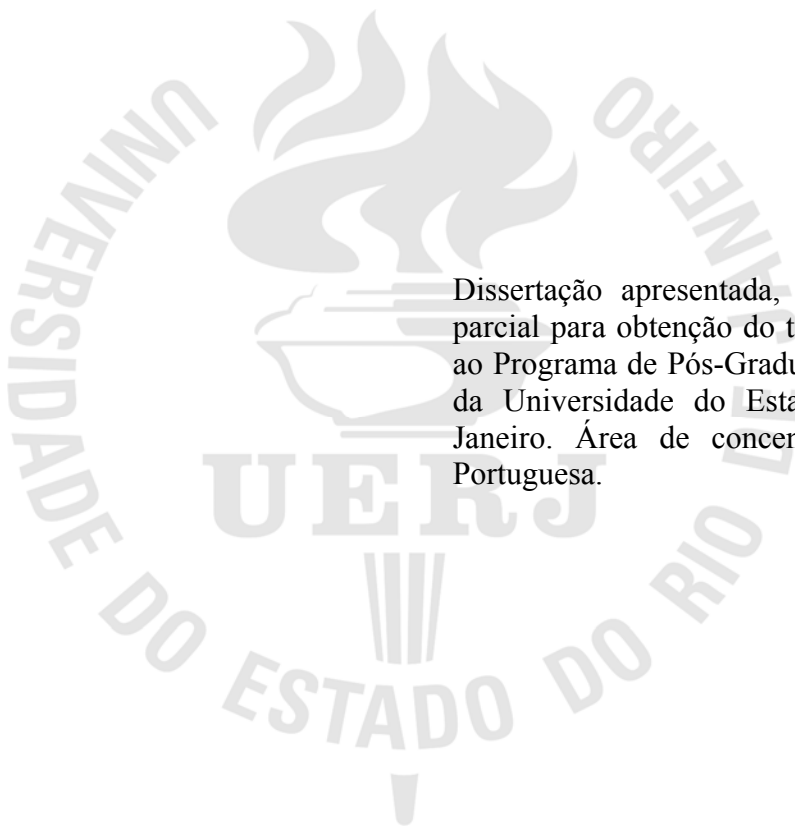
**Os neologismos na coluna *Gente Boa*:
um estudo lexicográfico**

Rio de Janeiro

2007

Mariana Teixeira Avvad

**Os neologismos na coluna *Gente Boa*:
um estudo lexicográfico**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques

Rio de Janeiro

2007

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

A963 Avvad, Mariana Teixeira.
Os neologismos na coluna Gente Boa: um estudo lexicográfico /
Mariana Teixeira Avvad. – 2007.
125 f.

Orientador: Claudio Cezar Henriques.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Letras.

1. Língua portuguesa - Neologismos - Teses. 2. Jornais – Seção,
colunas, etc. – Coluna social - Teses. 3. Língua portuguesa –
Lexicologia – Teses. 4. Coesão (Linguística) – Teses. 5. Língua
portuguesa – Estilo – Teses. I. Henriques, Claudio Cezar. II.
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III.
Título.

CDU 806.90-316.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação desde que citada a fonte

Assinatura

Data

Mariana Teixeira Avvad

**Os neologismos na coluna *Gente Boa*:
um estudo lexicográfico**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 20 de março de 2007.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Claudio Cezar Henriques (Orientador)
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dra. Nícia de Andrade Verdini Clare
Instituto de Letras da UERJ

Prof^a. Dra. Vanda Maria Cardozo de Menezes
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2007

Para:

Minha bisavó GABRIELA MOSQUEIRA, pelo seu amor e cuidado comigo até hoje.

Minha avó Gabi, que me ensinou as primeiras letras e, até hoje, me ensina com sua vida.

Minha avó Alice Avvad (*in memoriam*), de quem herdei a aparência e a determinação.

Meus pais, por terem me educado com amor e me ensinado os verdadeiros valores da vida.

Meu amor de toda a vida, Carlos, por me incentivar em tudo o que faço e estar sempre ao meu lado.

Minhas irmãs, Roberta, Erika e Luiza, amigas com quem sempre pude contar.

Minhas sobrinhas queridas, Victoria, Maria Catharina e Letícia, pela certeza de um amanhã mais bonito.

Meus sogros, minha avó Alice Nejaim, vovô Nacib (*in memoriam*), minhas cunhadas e cunhados, meus tios e todos aqueles que rezaram e torceram por mim durante a minha vida.

Minha amiga (e cunhada) de todas as horas, Simone, pela disponibilidade em me ajudar sempre.

Meu mestre e amigo Claudio Cezar Henriques, por tanta paciência e dedicação desde os tempos do LICOM.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Aquele que me ilumina e protege durante todos os momentos da vida.

Aos professores do Instituto de Letras da UERJ, pelos valiosos ensinamentos transmitidos a mim desde a Graduação.

Ao Colégio Santo Agostinho – Leblon, instituição onde fui aluna e hoje sou professora, por ter me disciplinado para o mundo acadêmico.

Ao Colégio Estadual Roma, que a cada dia me faz perceber a importância de minha profissão.

A todos os alunos que, em seu tempo, me ensinaram a difícil e prazerosa arte do magistério.

A palavra

Já não quero dicionários
consultados em vão.
Quero só a palavra
que nunca estará neles
nem se pode inventar.

Que resumiria o mundo
e o substituiria.

Mais sol do que o sol,
dentro da qual vivêssemos
todos em comunhão,
mudos,
saboreando-a.

Carlos Drummond de Andrade

SINOPSE

Estudo dos neologismos na coluna *Gente Boa*, do jornal *O Globo*, com vista à descrição e à associação dos itens lexicais e aspectos semânticos, discursivos e estilísticos da língua portuguesa. As colunas sociais e um breve histórico de sua trajetória no Brasil. A linguagem da coluna *Gente Boa*. Lexicologia e lexicografia. Neologismos. Glossário dos neologismos, com as abonações.

RESUMO

AVVAD, Mariana Teixeira. *Os neologismos na coluna Gente Boa: um estudo lexicográfico*. 2007. 125 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Este trabalho traça um resumido perfil do colunismo social no Brasil, aborda a linguagem característica dessas colunas, conceitua neologismo/neologia através das obras lexicográficas brasileiras e se encerra com o glossário. O ponto que pretende desenvolver focaliza o inventário lexical produzido pelos escritores de colunas sociais, especificamente os textos da coluna *Gente Boa*, assinada por Joaquim Ferreira dos Santos e publicada diariamente no jornal *O Globo*, o que se associa a aspectos semânticos, discursivos, gramaticais e estilísticos da língua portuguesa. Para isso, utiliza como *corpus* adequado para o levantamento lexicográfico desse registro os textos escritos publicados na imprensa, que se destinam a retratar uma realidade social bastante cobiçada.

Palavras-chave: Colunas sociais. Lexicografia. Neologia.

ABSTRACT

This work is about the profile of social columns in Brazil and develops a study about the neologisms found in *Gente Boa*, a part of *O Globo* newspaper specialized in high-society. It considers some points related to the historic of this kind of texts and analyses the language used by the writers to produce their texts. It also refers to lexicography and lexicology, emphasizing the neology. The point that we managed to involve focus the lexical collection produced by the high-society columns writers, specially produced by Joaquim Ferreira dos Santos, in the column *Gente Boa*, daily published in the *O Globo* newspaper, abording the semantic, discursive, grammatical and stylistic aspects of portuguese language. Then, it organizes a list of the neologisms used by *Gente Boa* along the period of the research.

Keywords: Social columns. Lexicography. Neology.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

a	adjetivo
adv	advérbio
AEXXI	Dicionário Aurélio Século XXI
art	artigo
cap.	capítulo
cf	confira
compl	complemento
conj	conjunção
DH	Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa
interj	interjeição
loc adj	locução adjetiva
loc adv	locução adverbial
loc interj	locução interjeitiva
NL	neologismo lexical
NLoc	neologismo locucional
NS	neologismo semântico
num	numeral
pejor	pejorativo
p.ex	por exemplo
prep	preposição
pron	pronome
q.v.	queira ver
sf	substantivo feminino
sm	substantivo masculino
s2g	substantivo comum de dois gêneros
v	ver
var	variante
vi	verbo intransitivo
VOLP	Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa
vtd	verbo transitivo direto
vtdi	verbo transitivo direto e indireto
vti	verbo transitivo indireto

SUMÁRIO

1- Introdução	10
2- As colunas sociais	13
2.1- A coluna “Gente Boa”	16
2.2- A linguagem da coluna “Gente Boa”	17
2.2.1- A referenciação ns construção dos sentidos	17
2.2.2- A modalização no gênero coluna social	24
3- Lexicologia e lexicografia	32
3.1- Neologismos	34
3.1.1- Definições de neologia e neologismo	35
3.1.2- As obras anteriores à NGB	37
3.1.3- A NGB e a autoria	40
4- Critérios	50
4.1- O <i>corpus</i>	50
4.2- A organização da nominata	52
4.3- A definição dos verbetes	53
5- Glossário dos neologismos nas publicações da coluna Gente Boa	54
6- Conclusão	116
7- Referências bibliográficas	119

1. INTRODUÇÃO

As colunas sociais despertam nas mais diferentes camadas da população um interesse bastante significativo. Entre os ricos, elas representam um informativo sobre os acontecimentos de seu meio; entre os menos favorecidos, são uma forma de aproximá-los a um mundo idealizado através do *glamour*, da fama e do poder que são retratados pelos colunistas de modo bastante criativo, seja através da linguagem verbal, seja através da não-verbal.

O vocabulário dessas colunas ocupa um lugar expressivo na língua portuguesa. Considerando que o perfil retratado nelas simboliza um ideal de vida a ser atingido por boa parte de seus leitores, é importante destacar a relevância dos termos lingüísticos utilizados, com maior ou menor freqüência, uma vez que, além de fazerem parte do linguajar cotidiano, podem interferir na comunicação, tendo em vista que o estilo e a produtividade lexical encontrados nessas colunas oferecem um material bastante rico para os estudos lingüísticos.

O ponto que se pretende desenvolver focaliza o inventário lexical produzido através das colunas sociais, o que se associa a aspectos semânticos, discursivos, gramaticais e estilísticos da língua portuguesa, principalmente no que diz respeito a estrangeirismos e neologismos. Para isso, passam-se a utilizar como *corpus* adequado para o levantamento lexicográfico desse registro os textos escritos publicados na imprensa, que se destinam a retratar uma realidade social bastante representativa.

Quanto ao *corpus* utilizado, é também importante ressaltar que não se trata de uma manifestação lingüística direcionada somente a uma camada social específica. É evidente que o universo retratado em tais publicações revela-se prestigioso, contudo, se levado em consideração que colunas como as que se pretende estudar são diariamente publicadas nos vários jornais que estão em circulação, pode-se concluir que o acesso a elas é extensivo a todas as classes, desde as mais altas até as mais baixas. Há que se ressaltar o recorte feito desde o início da pesquisa, em que se toma por base para levantamento lexicológico apenas a coluna diária publicada no jornal *O Globo*, intitulada “Gente boa”. No capítulo 2 será explicitado esse recorte.

Foram selecionadas para a pesquisa as publicações diárias da coluna “Gente Boa”, no período de julho de 2004 até a presente data, totalizando, aproximadamente 660 publicações. O estabelecimento desse *corpus* se deu pela coleta dessas fontes, segundo critérios de seleção lexical que se baseiam no confronto com os dicionários *Aurélio Século XXI*, *Houaiss* e com o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*.

Cabe, porém, acrescentar, à guisa de esclarecimento, que não é a intenção deste estudo incluir no levantamento proposto a discriminação pormenorizada dos aspectos social e regional da linguagem utilizada nessas colunas, cujo público focalizado possui um perfil intencionalmente amplo.

No capítulo 2, serão abordados conhecimentos que ultrapassam o campo lingüístico através de uma breve abordagem histórica do colunismo social no Brasil e seus principais nomes. Buscar-se-á, ainda, pormenorizar o perfil da coluna “Gente Boa”, desde a sua criação, até os dias atuais.

Também no referido capítulo, será caracterizada a linguagem utilizada nas colunas sociais, observando-se a intencionalidade lingüística, o processo de referenciação na construção dos sentidos e a modalização presente no gênero textual em questão.

Uma vez que se prioriza a abordagem de neologismos, esta pesquisa insere-se no âmbito dos estudos lexicológicos e lexicográficos. Isso faz com que o capítulo 3 seja destinado à lexicologia e lexicografia, estabelecendo-se seus conceitos. A relação entre o léxico e a sociedade faz com que se chegue ao ponto central pretendido: a neologia enquanto processo de criação.

O capítulo 4 se destinará a expor objetivamente os critérios empregados para a seleção do *corpus*, a elaboração e a definição dos verbetes.

No capítulo 5, apresenta-se o glossário dos neologismos encontrados nas publicações analisadas, com as respectivas abonações.

Dessa forma, com a motivação inerente à pesquisa, pretende-se dar uma contribuição aos estudos neológicos no Brasil, registrando, de forma objetiva, os neologismos publicados na coluna *Gente Boa*, no período assinalado.

2. AS COLUNAS SOCIAIS

Tendo em vista que o presente trabalho se propõe à análise de um gênero, não há como falar em colunismo social sem pensar em imprensa. Na verdade, os jornais e revistas, além de serem veículos para informações econômicas, políticas e culturais, também são diretamente responsáveis por transmitir informações sobre a sociedade. Todavia, como já dito na introdução do trabalho, essa sociedade retratada pela mídia representa uma camada privilegiada, chamada “alta sociedade”.

Pode-se notar, através da análise dessas colunas ao longo do tempo, que elas têm como objeto de enfoque principal a atribuição do *status*, o imaginário social, o poder simbólico, a questão do estilo de vida, a encenação, a representação de papéis, o modelo projetado, a questão do espelho social.

No que diz respeito às funções sociais dos veículos de comunicação (e nesse universo de poder e influência) a imprensa – e particularmente o colunismo social - possui um papel especial, que extrapola a sua função primária que é informar e suscitar o debate: o de viabilizar a atribuição de status. Tendo o poder de criar, legitimar, distorcer ou até mesmo de destruir causas públicas, pessoas, organizações, movimentos sociais e conceitos morais, a imprensa controla a opinião pública conforme sua própria ideologia. Como disseram os sociólogos Robert K. Merton e Paul F. Lazarsfeld:

A experiência quotidiana, assim com a pesquisa, atesta que a posição social das pessoas ou que um programa

político é favorecido quando repercute positivamente no *mass media*. Eles conferem prestígio e acrescem a autoridade de indivíduos e grupos, legitimando seu status. O reconhecimento pela imprensa, rádio, revistas ou jornais falados atesta que uma nova personalidade despontou: um “alguém” de opinião e comportamento bastante significativos para atrair a atenção do público. O mecanismo desta função de atribuição de status é patente na propaganda-padrão com testemunhos, em que “pessoas importantes” endossam um determinado produto.(1973: 532)

Uma conclusão a que se pode chegar é que, em geral, no colunismo social se observa a construção de um “círculo virtuoso”: alguém é tomado como tema para a construção de uma matéria positiva por ser uma pessoa importante, mas sua importância é também reforçada pelo fato de essa pessoa estar distinguida com uma notícia veiculada pela mídia.

Os anos imediatamente posteriores à Segunda Grande Guerra testemunharam o advento da chamada indústria cultural: o foco principal era produção de cinema em Hollywood, distrito de Los Angeles, que desde aquela época até os dias de hoje acomoda os principais estúdios de produção cinematográfica.

O otimismo e a alegria dos anos do pós-guerra encontraram no cinema seu mais perfeito arquétipo e na imprensa glamourosa – nascia o colunismo social – sua mais identificável contrapartida.

No Brasil, revistas como “O Cruzeiro”, “A cigarra”, “Fatos & Fotos” e “Manchete” foram precursoras desse tipo de trabalho, começando a oferecer mais e mais espaço aos “bastidores” da vida social dos poderosos, trançando com tintas de realidade cor-de-rosa o dia-a-dia do mundanismo social. A revista “Caras”, publicada atualmente, leva às últimas conseqüências este modelo, tendo como único objetivo retratar uma realidade distante para muitas das pessoas que costumam se entreter em suas coloridas páginas.

A classe média e as classes mais pobres atiraram-se com voracidade aos detalhes do mundanismo do “*high society*” (expressão consagrada na época), no

afã de reproduzir aquele modo de vida, cultivando então a ilusão de pertencer a ele. Ampliavam-se significativamente as tiragens dos veículos de comunicação de massa. Enquanto isso, os menos favorecidos passaram a ter a oportunidade de visitar os luxuosos ambientes que só conheciam através da máquina hollywoodiana. Pode-se dizer que o colunismo social nasceu para consagrar o sonho da ascensão social, o encontro com a beleza e o charme, o poder e a fama.

Jacinto de Thormes, em “O Estado de S. Paulo”, e Ibrahim Sued, em “O Globo”, alimentavam os sonhos da classe média emergente e os cofres dos proprietários dos jornais. Depois deles vieram outros nomes que marcaram a transição do colunismo social para um estágio de maior amadurecimento. O sucesso dos colunistas abriu as portas para uma atuação mais desenvolta, muitos passos além das fofocas de sociedade. O poder, gradativamente, foi surgindo nas pautas daquelas recém-nascidas colunas: economia e política passaram a ser atores de primeira grandeza no cenário em que os bastidores da *dolce vita* projetavam uma classe média sonhadora, que ansiava por participar daquele mundo de faz-de-contas.

O golpe militar de 64 consolidou ainda mais o já significativo cacife do colunismo social. Interessava ao *status quo* militar aquele tipo de jornalismo mundano, essencialmente acrítico. Os colunistas passaram a interlocutores das empresas jornalísticas junto aos militares, servindo-os de forma cada vez mais dócil, sedimentando com desenvoltura o compromisso com o mundo estilizado.

Zózimo Barroso do Amaral também foi um grande nome neste ramo da imprensa. Ele conseguiu mudar um pouco o perfil das colunas sociais produzidas até então, agregando um pouco mais de jornalismo a uma atividade que, se não proporcionava prestígio nas redações, engordava contas bancárias com uma velocidade surpreendente.

Aos poucos, os colunistas tornaram-se verdadeiros lobistas, traficando as informações obtidas com cada vez mais apetite. “Em sociedade, tudo se sabe”, apregoava um Ibrahim Sued cada vez mais influente.

2.1. A COLUNA *GENTE BOA*

O presente trabalho, como já explicitado, possui por *corpus* de estudo as colunas publicadas no jornal *O Globo*, posteriores a julho de 2004 até a presente data. Durante a época assinalada, Joaquim Ferreira dos Santos é o responsável pela coluna deste jornal, intitulada *Gente Boa*.

À guisa de esclarecimento, a coluna *Gente Boa* teve sua primeira e inaugural publicação em um domingo, dia treze de julho do ano de 2003, já sob a direção de Joaquim Ferreira dos Santos, algumas vezes substituído pelo interino Jan Teophilo, durante a época da pesquisa. Antes de Joaquim F. dos Santos assumir o colunismo social do Jornal *O Globo*, cabia a Ildegard Angel a função de ressaltar a vida social do país. A colunista atualmente escreve no *Jornal do Brasil*, onde é responsável por um caderno semanal dedicado à alta sociedade.

O histórico do colunismo social - apenas esboçado no início deste capítulo - não será a prioridade do trabalho que segue, cujo intuito é revelar a importância de sua contribuição para o léxico do português do Brasil valendo-se da mencionada coluna *Gente Boa*, observada no período assinalado.

Mais do que isso, por meio de exemplos extraídos do próprio *corpus*, objetiva-se mostrar a produtividade lexical presente nos textos de Joaquim Ferreira dos Santos e sua equipe, seja pelas criações neológicas, seja pela facilidade com que vocábulos estrangeiros são incorporados ao discurso dessas colunas.

2.2. A LINGUAGEM DA COLUNA *GENTE BOA*

Há dois aspectos característicos e notórios desse gênero textual que merecem destaque nesta pesquisa: a referenciação e a modalização. Tanto em um aspecto quanto em outro, o léxico será o ponto central a ser focado, uma vez que serão priorizadas as escolhas lexicais envolvidas em ambos os casos. Tais escolhas estão envoltas em um ambiente de argumentatividade; ou seja, pontos de vista sendo expostos com o objetivo de convencimento dos leitores.

Dessa maneira, faz-se necessária a apresentação desses tópicos antes da questão neológica, prioridade deste trabalho, como forma de mostrar que as técnicas de persuasão adotadas pelos autores/colunistas revelam seu poder de convencimento e, com isso, também a sua criação vocabular cairá no domínio e no gosto públicos.

Seguem as abordagens feitas separadamente sobre os dois pontos lingüísticos apresentados.

2.2.1. A REFERENCIAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Como dito anteriormente, este capítulo tem por objetivo mostrar como se dá a produção de sentidos através dos mecanismos de referenciação nos textos da coluna *Gente Boa*. Tal abordagem tem por base os estudos de Lingüística Textual, principalmente aqueles desenvolvidos por Ingedore G. V. Koch. As seguintes obras da autora serviram de suporte para o embasamento teórico: *A coesão textual* (1989), *Desvendando os segredos do texto* (2002) e *Referenciação: construção discursiva* (1999).

É assim que, antes mesmo de tratar do conceito de referenciação, Koch (1989), explorando a idéia de coesão referencial, diz:

Chamo, pois, de *coesão referencial* aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) do universo textual. Ao primeiro, denomino *forma referencial* ou *remissiva* e ao segundo, *elemento de referência* ou *referente textual*.

A noção de elemento de referência é, nesse sentido, bastante ampla, podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração ou todo um enunciado. Recorde-se também, como foi dito no capítulo anterior, que o referente representado por um nome ou sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve; ou seja, como diz Blanche-Benveniste (1984), o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo “nome”. Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.(1989: 30)

Partindo dessa declaração inicial, pode-se perceber que o processo de construção de sentidos somente se realizará dentro de um discurso, ou seja, é o discurso que possibilitará que um mesmo significante possua sentidos diferentes. Sendo assim, a referenciação está implicada no discurso.

Antes, contudo, de se especificarem as principais estratégias de progressão referencial, cabe fazer a devida distinção entre **referir, remeter e retomar**:

Sucintamente: **referir** é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação espetacular língua-mundo; **remeter** é uma atividade de processamento indicial na cotextualidade; **retomar** é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. (KOCH, 1999)

A partir desses conceitos, preferiu-se substituir a noção de referência pela de referenciação. Assim, o que se entende por referenciação é uma atividade discursiva, ou seja, deixa-se de lado a idéia de referência como simples representação extensional de referentes do mundo extramental para considerá-la como o resultado da operação que realizamos ao criarmos uma situação discursiva referencial para designar, representar ou sugerir algo. Podemos dizer

que as entidades designadas devem ser vistas como *objetos-de-discurso*, e não como *objetos-do-mundo*.

No discurso do colunismo social também registram-se casos de progressão referencial. Na verdade, através das chamadas *cadeias referenciais*, deve-se perceber, muitas vezes, a argumentatividade do texto em questão, uma vez que a recategorização, muito freqüente neste gênero discursivo, possibilita essa visão.

Koch (2002) destaca três principais estratégias de progressão referencial:

- a) uso de pronomes ou elipses (pronome nulo);
 - b) uso de expressões nominais definidas;
 - c) uso de expressões nominais indefinidas.
- (2002: 85)

É prioridade, ao longo deste capítulo, exemplificar através de trechos extraídos da coluna *Gente Boa*, veiculada no jornal *O Globo*, as estratégias acima destacadas.

Mais do que isto, ressalta-se a importância dos títulos em cada bloco das colunas, como sendo os elementos iniciais das cadeias de referência que se formarão. Dessa forma, segundo postulado por Koch (1989), pode-se considerá-los *formas referenciais*, seguidas dos *elementos de referência*, encontrados no corpo dos blocos de textos, como se pode registrar em:

Letras suburbanas

O subúrbio ganha nos próximos dias a *sua primeira Academia de Letras*. Vai ser a da Vila da Penha e terá como sede a *biblioteca Tobias Barreto*, com desenho de Niemeyer, em processo de construção. A *ALVP* reunirá 40 escritores com pelo menos um livro lançado e todos devem ser oriundos do subúrbio carioca. “O objetivo da *instituição* é valorizar e dar visibilidade à literatura produzida fora dos bairros da elite da cidade.”, diz **Evando dos Santos**, que dirige a *biblioteca*, já com mais de 30 mil livros

O Globo, 15 de janeiro de 2006.

Nesse bloco, o título, que se revela metafórico e metonímico, é que suscitará uma primeira cadeia que irá justificá-lo. Antes de montada a cadeia, vale destacar a elipse do pronome *ela* antes da forma verbal *vai*, na segunda frase do trecho. Esta elipse, como já especificado acima, configura-se em referência.

1ª cadeia: Letras suburbanas – sua primeira Academia de Letras – Ø Vai – biblioteca Tobias Barreto – A ALVP – instituição – biblioteca.

Pode-se perceber que os elementos constitutivos do que chamamos primeira cadeia constroem o sentido global da “expressão-título” **Letras suburbanas**, indicando tratar-se da criação de uma instituição que tem por objetivo cultivar obras e valorizar autores do subúrbio. Todavia, outras duas cadeias de referência poderiam ser destacadas: uma no campo semântico das **Letras** e outra no das **suburbanas**.

2ª cadeia: Letras – Academia de Letras – biblioteca Tobias Barreto – A ALVP – escritores com pelo menos um livro lançado – (todos) devem ser oriundos do subúrbio carioca - instituição – literatura – biblioteca – 30 mil livros doados.

3ª cadeia: suburbanas – subúrbio – Vila da Penha – subúrbio carioca – literatura produzida fora dos bairros de elite da cidade.

Prosseguindo a análise, distinguem-se, já nesse texto inicial, algumas estratégias de referência postuladas por Koch (2002) e listadas anteriormente.

Quanto ao **uso de pronomes ou elipses**, destaca-se com relação à forma verbal *vai* a omissão do pronome *ela*. Essa estratégia é bastante relevante, uma vez que o uso de pronomes (ou numerais, advérbios pronominais e outras formas) e ainda a sua elipse possibilitam a reativação na memória do leitor de elementos anteriormente apresentados no texto. Outras vezes, eles também possibilitarão uma recategorização do referente.

Burle Marx

Ana Paula Arósio tem novo hobby, o paisagismo. A atriz fez um curso de três meses e agora projeta o jardim de seu sítio, em Itu, interior de São Paulo. Ela aproveitou a folga nas filmagens de “Garibaldi em Rio” para plantar 16 mudas de uva e glicínias. Voltou ao set, tadinha, com a mão cheia de calos.

O Globo, 18 de janeiro de 2006.

No bloco acima destacado, os pronomes agem na referenciação: Ana Paula Arósio; (ela) projeta; Ela aproveitou; (ela) Voltou. Também na cadeia referencial acima podemos enquadrar *A atriz* e *tadinha*, que serão tratados como expressões nominais definidas, tratadas em parágrafo subsequente.

Passando ao **uso de expressões nominais definidas**, a tendência é caracterizá-las por formas lingüísticas que apresentam uma configuração mínima de determinante (artigo definido ou demonstrativo) seguido de nome. Evidentemente, podemos juntar a esse nome os chamados modificadores (adjetivos, sintagma preposicionado e orações adjetivas), fato que tornaria maior a expressão nominal definida.

Este uso é a melhor maneira de haver recategorização, uma vez que, através dos modificadores e suas funções atributivas, o produtor do texto auxilia o leitor na construção das informações que deseja imprimir. Chega-se, portanto, ao ponto de que se tratou logo no início do trabalho: há argumentatividade quando se recategoriza através da referenciação. No exemplo acima, Ana Paula

Arósio é recategorizada duas vezes: a atriz e tadinha. Na primeira categorização explora-se o profissionalismo da referida mulher; na segunda, atribui-se um predicativo com tom irônico, com a finalidade de satirizar a atividade de lazer da atriz.

Seguem outros casos de recategorização por expressões nominais definidas:

a) Luiza Marcier (*À Colecionadora*), Anne Gaul (*O Estudio*) e Lena Santana (*Casa 7*), *estilistas queridinhas da Vanguarda carioca*, ficaram fora do Fashion Rio.

O Globo, 10 de janeiro de 2006.

b) Rita Lee alegou “problemas de saúde” para cancelar o show que faria Sábado no Oi Noites Cariocas. O escritório dos empresários da *cantora* não dá mais detalhes sobre sua condição.

O Globo, 17 de janeiro de 2006

c) Os filhos de Francisco, *Zezé di Camargo e Luciano*, repetiram a dose de 2004 e terminaram 2005 como *os artistas* que tiveram a música mais tocada nas rádios de todo o país. Segundo aferição do Instituto Crowley, “Fui eu”, canção da *dupla*, ficou em primeiro lugar com 15.442 execuções. .

O Globo, 9 de janeiro de 2006.

No exemplo (a), Luiza Marcier (*À Colecionadora*), Anne Gaul (*O Estudio*) e Lena Santana (*Casa 7*) são recategorizadas por *estilistas queridinhas da Vanguarda carioca*, revelando o potencial argumentativo do colunista, que imprime juízo de valor ao fazer tal afirmação, uma vez que está em função de aposto. Já em (b), Rita Lee é recategorizada em *a cantora*, apenas evidenciando a profissão da artista.

Por sua vez, (c) categoriza por duas vezes “Os filhos de Francisco”; primeiro em *Zezé di Camargo e Luciano*, depois em *a dupla*. Quanto a esse

último exemplo, é muito peculiar a tomada de “Os filhos de Francisco” por forma referencial, quando, na verdade, o mais esperado é que “Zezé di Camargo e Luciano” fosse essa forma, que seria, então, retomada pelas duas expressões de referência do texto. Na verdade, a intenção é bastante óbvia: ressaltar o sucesso de bilheteria do filme homônimo. Ou seja, o filme é mais relevante do que a figura dos cantores e o fato deles se configurarem em uma dupla. Mais uma vez, pode-se perceber a referenciação a serviço da intencionalidade/argumentatividade, pontos que serão melhor explorados quando, mais adiante, for abordada a Modalização (2.2.2)

Quanto ao **uso de expressões nominais indefinidas**, trata-se de um ponto pouco discutido pela literatura. Todavia, algumas vezes, é encontrada a construção de um referente inicialmente por expressões nominais indefinidas e, posteriormente, as descrições tornam-se definidas. Veja-se o seguinte exemplo:

Guia das praias

Há *um novo point nas praias do Rio*. O Posto 9, invadido pela curiosidade dos turistas, foi abandonado pelos antenados, que primeiro o trocaram pela praia mais adiante, em frente à Joana Angélica. Como esse lugar também foi descoberto, o *in* agora é marcar a praia no “Coqueirão”, que fica já próximo da Maria Quitéria.

O Globo, 14 de janeiro de 2006.

O que se chama de expressão nominal indefinida está evidenciado no exemplo por *um novo point nas praias do Rio*. O sentido da expressão vai sendo construído ao longo do texto, até que se chega ao referente o “Coqueirão”, que é chamado por Koch (2002) de referente principal ou protagonista.

Ainda no campo da linguagem, cabe explicitar a importância da Modalização no contexto analisado. Aliada à Referenciação, irá promover a argumentatividade do texto das colunas sociais, como já se mencionou. Pretende-se mostrar que o gênero textual analisado é um meio fecundo para a

criação vocabular, uma vez que dispõe de instrumentos valiosos para persuadir os leitores.

2.2.2. A MODALIZAÇÃO NO GÊNERO COLUNA SOCIAL

Para se entender o conceito de modalidade, quatro autores serão utilizados. Seguem as definições dadas por cada um deles, destacando-se os aspectos mais relevantes.

[A modalidade] diz respeito à expressão lingüística de dois aspectos: (a) as apreciações do locutor sobre o conteúdo proposicional das orações e (b) seus interesses e intenções quanto às tarefas da enunciação.¹(1993: 122)

Consideram-se as modalidades como parte da atividade ilocucionária, já que revelam a atitude do falante perante o enunciado que produz: elas constituem, segundo Parret (1976), atos ilocucionários constitutivos da significação dos enunciados, sendo motivados pelo jogo da produção e do reconhecimento das intenções do falante e, como os demais atos de linguagem, classificáveis e convencionizadas.² (2002: 73)

Os modalizadores são adverbiais que se aplicam à sentença como um todo (podendo haver caso em que há incidência focal sobre um constituinte), não se incluem no conteúdo proposicional por ela expresso, mas operam sobre ele ou sobre a asserção de que é objeto.³ (2002:102-103)

Tradicionalmente e no que toca o tratamento gramatical, as modalidades têm estado quase exclusivamente associadas aos modos verbais e aos verbos modais enquanto categorias gramaticais de expressão da atitude do locutor, quer em relação ao conteúdo proposicional ou valor de verdade do seu enunciado, quer em relação ao alocutário a quem o enunciado se destina.

Enquanto prática lingüística em interacção, todo o enunciado apresenta um determinado grau de

¹ AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

² KOCK, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

³ CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. 1: A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

modalização. Tal modalização consiste essencialmente numa modificação introduzida pelo locutor ao nível da predicação, como resultado das condições postas à sua realização e da relação entre os elementos envolvidos na produção.⁴ (1983)

Vê-se assim que, de uma maneira geral, modalizadores são elementos textuais que revelam a opinião do autor em relação ao objeto sobre o qual se escreve e também a sua intenção na escrita de determinado assunto. Assim, os modalizadores não fazem parte do conteúdo expresso por um enunciado, mas estão diretamente ligados a esse conteúdo à medida que emitem juízos de valores e opiniões pessoais quanto ao que está sendo dito.

A modalização faz parte, dessa maneira, daquilo que os lingüistas chamam de análise do discurso. Ela é a responsável pela organização argumentativa do texto, que não é apenas constituído pelo que nele se diz, uma vez que verdades e omissões podem ser notadas sem que estejam literalmente expressas.

Os autores supracitados defendem a criação de uma categoria gramatical que seria intitulada “modalizadores”. Dentre os principais modalizadores, destacam-se termos tradicionalmente classificados como advérbios. Devido à recorrência de suas aparições, daremos destaque a tais palavras.

Em uma frase do tipo “Infelizmente, o presidente não compareceu à reunião internacional.”, “Infelizmente” seria classificado, tradicionalmente, como um advérbio. Isso porque, do ponto de vista morfológico, esta palavra é invariável, e, do ponto de vista sintático, ela se encaixaria em um tipo especial de advérbio que não estaria modificando nem um verbo, nem um adjetivo, nem outro advérbio, mas toda a sentença. Semanticamente falando, “Infelizmente” estaria revelando a opinião do enunciador quanto à sentença proferida.

⁴ MATEUS, Maria Helena Mira, Brito, Ana Maria, DUARTE, Inês Silva & FARIA, Isabel Hub. *Gramática da língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

Exatamente por ser um tipo especial de advérbio do ponto de vista sintático e por ter maior relevância para o discurso é que os autores utilizam a denominação “modalizador”, que não se restringe somente a alguns tipos de advérbios, mas também a outros elementos que indicam apreciações pessoais ou interesses do locutor ao proferir a sentença.

Dentre esses elementos que também possuem valor modalizador, destacamos, de acordo com a visão de José Carlos de Azeredo em seu livro *Iniciação à Sintaxe*:

As apreciações do locutor se exprimem por meio de:

Sintagmas preposicionais:

Com certeza o carro de Ana enguiçou.

Predicadores seguidos de *que* + oração ou justapostos no enunciado:

É claro que eles virão à festa.

Eles, é claro, virão à festa.

Verbos modais:

Eles devem chegar tarde hoje.

Modo dos verbos:

Não vieram porque não quisessem, mas porque não podiam.

Marcadores de foco:

Até eu vou tirar nota baixa.

Empregos modais dos tempos verbais:

A fofoca já terá corrido a escola inteira no dia seguinte.

Conjunções:

Se ela vier, ninguém virá.

Já que ela veio, ninguém virá.

Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor:

Eu duvido que ele não venha.

Entoação:

Que gente mais estranha! (exclamativa)

As intenções e interesses do locutor se exprimem por meio de:

- Predicados seguidos de infinitivo ou *que* + oração:

É preciso sair agora.

É necessário que ele saia agora.

- Verbos modais:

Eu tenho que / de ser mais otimista.

Ana deve estudar mais.

- Verbos que explicitam o ato praticado pelo locutor:

Peço para que você se retire.

- Modos do verbo:

Deixa acontecer naturalmente.

O amor lhe seja eterno.

- Entoação:

Quem não gosta dele? (interrogativa)

Entrada (anunciativa)

A análise feita por Azeredo privilegia o aspecto semântico em detrimento do morfossintático, embora seja fundamental levar em conta os três aspectos para a classificação gramatical. Por esse motivo, não se fará uso do termo modalizador, apenas se dirá que determinada palavra possui valor de modalizador.

Além disso, neste trabalho, considerar-se-á que têm valor modalizador não só os casos apresentados pelo Azeredo, como também todas as palavras ou sintagmas que reflitam opinião ou intenção do autor ao escrever sobre determinado assunto.

Faz-se necessária, contudo, uma pequena explanação sobre o conceito de gênero propriamente dito, antes da abordagem sobre o gênero coluna social.

Sabe-se que deste assunto já se fala desde a poética grega, embora estivessem limitados apenas ao que é literário. Nelly Novaes Coelho fez uma analogia entre os gêneros gregos e o que encontramos hoje na literatura e o resultado foi o seguinte: o épico se transformou no gênero ficção, o lírico, no gênero poesia e o dramático, no gênero teatro. Atualmente, pode-se afirmar que texto oral também é texto, mesmo não sendo literário.

Nesse sentido, Bakhtin, em *Estética da criação verbal* (1992), irá nos dizer que um gênero é determinado por uma certa temática, por uma certa forma textual e por um certo estilo. Assim, um soneto necessita ter 14 versos, uma fábula tem de ter moral da história, a sentença de um juiz é dividida em três partes. Por outro lado, podemos afirmar que para o gênero X é necessário o registro formal, enquanto para o gênero Y, o registro pedido é o informal ou o semi-formal.

Optou-se, aqui, por adotar a nomenclatura utilizada por Helênio de Oliveira (2004), enquadrando a coluna social na classificação proposta pelos estudiosos da Análise do Discurso.

A primeira restrição que se pode fazer diz respeito à diferença entre os conceitos de modos de organização do texto (ou do discurso) e gêneros textuais.

A resposta, contudo, está no próprio texto: os modos de organização são intratextuais, enquanto os gêneros são extratextuais. Ao analisar os textos dentro de contextos situacionais, encontram-se milhares de diferenças entre eles. Todavia, ao pensar no texto pelo que ele traz dentro de si, essas diferenças serão significativamente minimizadas ao ponto de distinguirmos 5 ou 9 modos de organização do texto, de acordo com o teórico já exposto. A proposta de Helênio de Oliveira destaca os seis modos de organização do texto aceitos por ele: descritivo, narrativo, argumentativo, expositivo, injuntivo e enunciativo.

Cabe aqui mencionar os estudos realizados por Patrick Charaudeau (1992), teórico que tratou de modo importante os temas tipologia textual e gêneros discursivos.

Outro conceito que precisa ser aqui explorado é o de domínio discursivo. Já foi constatado que o número de gêneros textuais é ilimitado. Assim, para efeito de classificação, tende-se a organizar gêneros afins em domínios discursivos. Um domínio discursivo corresponde a um ramo da atividade humana: o religioso, o publicitário, o jornalístico. O interessante é que a bibliografia sobre os domínios discursivos sempre listam apenas alguns e termina com um etc. Talvez encontremos cerca de 30 domínios, mas sabe-se que cabem n gêneros textuais dentro de cada um dos domínios.

Vale observar também que existem gêneros que se encontram no limite de dois domínios discursivos. É o caso da crônica, por exemplo, que figura entre o domínio discursivo jornalístico e o literário. Já a coluna do jornal intitulada “Carta ao Leitor” está situada entre o domínio discursivo jornalístico e o epistolar.

Por sua vez, alguns gêneros possuem o que chamamos de subgêneros. Por exemplo, o romance policial é um subgênero do gênero romance.

Voltando a falar em estilo, pode-se observar uma diferenciação sintática no que diz respeito às construções frasais nos diferentes gêneros. Na sintaxe do conto, que pertence ao domínio discursivo literário, predominam as frases

longas e a coordenação, enquanto na sintaxe dos gêneros textuais que compõem o padrão do domínio discursivo jornalístico as frases majoritariamente curtas e subordinadas.

Dessa forma, é aconselhável refletir sobre recomendações generalizantes do tipo “evite frases longas”, pois a grande utilidade didática do estudo dos gêneros é a constatação de que aquilo que é virtude num gênero pode ser um defeito em outro. Se o conto é compromissado com a ficção, a notícia é compromissada com a veracidade dos fatos. O conto faz parte do domínio discursivo literário, enquanto a notícia pertence ao domínio jornalístico. As convenções de cada gênero têm a ver com temática, com forma textual e com estilo.

São objeto de estudo da estilística questões como : dizer “estou doente” ou “estou adoentado”, “cão” ou “cachorro”. Todavia, é bem verdade que na década de 60, com o aparecimento da análise do discurso, a estilística quase desaparece.

Retornemos então ao ponto central: a modalização nas colunas sociais. Trata-se, portanto, de um gênero textual que se encaixa no domínio discursivo jornalístico e que é estruturado, majoritariamente, no modo argumentativo de organização do texto. Mais adiante, explicaremos o motivo de dizermos que colunas sociais são majoritariamente argumentativas.

A finalidade de uma coluna social, já esboçada no capítulo 2, é também expressar a opinião de um determinado jornal a respeito de um determinado acontecimento pertinente à sociedade. Sendo assim, pode-se afirmar que se trata de um produto cultural.

Na verdade, um texto pode ser caracterizado como argumentativo se possuir uma tese e argumentos que comprovem a tese. Para que uma afirmação possa ser considerada tese é necessário que ela seja posta em dúvida. Portanto, dizer “o fogo queima” não é tese para nenhuma argumentação, uma vez que é uma afirmação inquestionável. Também é importante lembrar que, para haver argumentação é necessária a presença de argumentos explícitos, mesmo que a

tese esteja implícita. É assim que Charaudeau (1992) nos diz que há condições para que haja uma argumentação e uma dessas condições é a existência de uma assertiva que gere questionamentos. Teoricamente, pode-se questionar qualquer coisa, mas em alguns casos pode-se estar produzindo um texto humorístico sem que essa seja a intenção de quem questiona.

Se o objetivo da coluna social é, de certa forma, mostrar a posição do jornal sobre aquele acontecimento, é evidente que a argumentação será o caminho mais utilizado para tal finalidade. E mesmo quando a coluna é um texto descritivo e não argumentativo não há quebra no contrato de comunicação, uma vez que estamos falando de um gênero e um gênero é um produto social tanto quanto um sapato ou uma dança.

Evidentemente, é possível encontrar, além do modo argumentativo de organização do texto, outros modos de organização dentro do gênero coluna social de jornal, bem como podem existir mais de um modo de organização do texto dentro de qualquer gênero. O importante é que se dê a classificação do texto pelo modo que predomine, aquele que estiver quantitativamente maior no texto. Pode-se afirmar, por exemplo, que potencialmente todos os textos são argumentativos, uma vez que, em maior ou menor grau, todo texto tem a intenção de interferir nas crenças dos interlocutores.

Comprovada a argumentatividade do gênero analisado, passa-se ao seu potencial criatório. Um breve estudo sobre lexicologia e lexicografia será proposto como forma de enquadrar as colunas sociais também como meio fecundo para a criação vocabular, uma vez que representam, através da Referenciação e da Modalização, fontes de argumentatividade e desempenham papel dominante nas mentes leitoras.

3. LEXICOLOGIA E LEXICOGRAFIA

É impossível tratar a questão neológica sem abordar o estudo do léxico, pois, se por um lado a gramática se constitui num sistema fechado, por outro lado o léxico se estabelece em um sistema aberto, ilimitado, onde a criação individual é uma prática habitual.

As palavras se distribuem nos chamados campos semânticos e por famílias lexicais.

As definições de léxico não envolvem conceitos contraditórios, como se pode observar em Othon Moacyr Garcia (2000) e Maria Teresa Biderman (1981), no artigo “A estrutura mental do léxico”, publicado nos *Estudos de Filologia e Lingüística*.

O léxico é um conjunto de vocábulos de um idioma e, tal como, ordinariamente empregado como sinônimo de “dicionário”, que é um “repertório aberto”, que quer dizer capaz de se enriquecer sempre (com neologismos, por exemplo). Mas à luz de correntes lingüísticas mais em voga, “léxico” pode até, em certo sentido, opor-se tanto a “dicionário” – quando compreende apenas o elenco das palavras utilizadas por um autor uma ciência ou uma técnica – quanto a “vocabulário”, pois o léxico, lato sensu, pertence à língua (“langue”), ao passo que o vocabulário pertence ao discurso (“parole”) (GARCIA, 1988: 199)

O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de

todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico. (BIDERMAN, 1981: 138)

Entre as ciências do léxico, a lexicologia é aquela que levará em consideração a dimensão significativa da palavra, de forma a se poder concluir que ela faz fronteira com a semântica. Já a lexicografia estuda a descrição da língua feita pelos dicionários, fato que somente será concretizado pelos conhecimentos fornecidos pela lexicologia. Aliás, como explica Nícia Verdini Clare, em *A linguagem da política: inovações lingüísticas no português contemporâneo* (2004)

O estudo do léxico conduz à conclusão de que, não menos poderosamente do que a criação de palavras novas, sua individualidade manifesta-se em inovações de ordem semântica. Diversas são as causas dos desvios de sentido, entre elas, as de natureza histórica, social, psicológica e lingüística.

É através do léxico que uma língua se une ao mundo exterior. O léxico reflete a cultura da sociedade. É um campo aberto a novas aquisições e, na base dessas aquisições, está sempre presente a criatividade. (2004: 48-49)

Os glossários latinos medievais, obras que se resumiam a listas explicativas para o auxílio do leitor nos textos bíblicos e da antiguidade clássica já prenunciavam os estudos lexicográficos. Com relação à língua portuguesa, tem-se o registro de vocabulários bilíngües que confrontavam o latim e as línguas vulgares; os primeiros dicionários relevantes em português são o *Vocabulário Português-Latino*, de Rafael Bluteau, obra bilíngüe em oito volumes (publicada

entre 1712 e 1728) e o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Morais Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813).

Vale ressaltar que a produção lexicográfica está em constante movimento. É por isso que nenhuma obra lexicográfica é fechada; todas serão “incompletas”, tendo em vista o potencial criatório da sociedade em geral.

3.1. NEOLOGISMOS

O ponto que se pretende desenvolver neste capítulo diz respeito ao tratamento dado ao processo de criação neológica ao longo da dicionarização e gramatização do português brasileiro. O objetivo é reunir a conceituação dos termos “neologia” e “neologismo” segundo algumas das mais representativas obras lexicográficas, gramaticais e filológicas da língua portuguesa produzidas no Brasil.

Tal enfoque não permitirá o tratamento do assunto voltando o olhar para os portugueses, uma vez que a neologia é um processo também cultural e, por isso, deve ser tratada e entendida em cada cultura.

Antes de passarmos ao ponto que pretendemos desenvolver, é importante notarmos a dificuldade existente em perceber e delimitar as funções exercidas por gramáticos, lingüistas e filólogos, especialmente após a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira) e sua implementação no ano de 1959. O papel de Autor que sempre fora exercido pelo gramático até a publicação da referida lei praticamente desaparece, passando o lingüista a assumir, na maioria das vezes, a função de rever ou discutir a teoria e a terminologia científica. A verdade é que se torna árdua a tarefa de ser criativo e original quando se está limitado por uma nomenclatura.

Mais recentemente, Bechara (1999), em sua *Moderna gramática portuguesa*, tenta resgatar a questão da autoria disponibilizando em forma de notas uma série de considerações gramaticais que não estão previstas pela NGB.

É assim que, no tocante aos neologismos, percebemos até mesmo a omissão do assunto por parte de autores renomados como Rocha Lima (1974) e Cunha & Cintra (1985). Outras vezes, esse processo de criação lexical é tomado por anomalia ou vício de linguagem, como se vê em muitos manuais e obras didáticas.

Acreditamos que a Estilística pode dar conta da neologia. Contudo, sabemos que há outros elementos envolvidos no processo que precisam ser analisados sob o ponto de vista morfossintático. Sendo assim, como poderia o gramático se abster neste assunto?

3.1.1. DEFINIÇÕES DE NEOLOGIA E NEOLOGISMO

Sentimento da língua: eis um atributo que todo ser humano possui. Podemos, por exemplo, reconhecer uma palavra como substantivo, mesmo que ela esteja descontextualizada. O sentimento da língua vem da própria convivência com a linguagem, daí nasceu a idéia da gramática internalizada. É através desse sentimento da língua que surgem os neologismos. Em seu trabalho de doutoramento, Simone Nejaim Ribeiro (2006), que abordou a criação vocabular das publicações voltadas para adolescentes, registra:

Na verdade, é a partir das necessidades comunicativas dos falantes que ocorre a evolução de uma língua, e ela se deve ao desenvolvimento social, intelectual e econômico da comunidade lingüística.

De modo a atender às transformações socioeconômicas e culturais, a língua se vale da criação de novos significados para termos já existentes. Esse fenômeno recebe o nome

de neologia, processo de criação lexical cujo produto é o neologismo. A palavra nova pode ser formada através de mecanismos da própria língua, por empréstimo ou por processos autóctones. (2006: 52)

Já no século XIX os dicionários de Língua Portuguesa começam a dar conta dos termos neologia e neologismo. Em 1871, Frei Domingos Vieira registra em seu *Diccionario da lingua portugueza*, publicado no Porto, as seguintes definições:

Neologia: invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma.

Neologismo: inovação de palavras e phrases

Neologo: o que usa com frequencia de termos novos; o que affecta uma linguagem nova.

Todavia, é somente no século XX que um dicionarista brasileiro registra os termos neologia e neologismo. Laudelino Freire é o primeiro que o faz, sem contudo estabelecer a distinção entre processo e produto. Segundo seu *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa* (1931), neologia é – “o mesmo que neologismo”, que, por sua vez, é “palavra ou frase nova, ou palavra antiga com sentido novo.” Caldas Aulete (1958), alguns anos mais tarde, estabelece a diferença entre os dois termos, deixando evidente que se tratam de processo / produto.

Neologia: introdução de palavras novas ou de novas acepções, introdução de doutrinas novas de uma ciência.

Neologismo: palavra ou frase nova de uma língua, doutrina nova.

Vejamos ainda a definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (*Novo Dicionário Aurélio*, 1986) para o verbete *neologismo*:

S. m. **1.** Palavra, frase ou expressão nova, ou palavra antiga com sentido novo. **2.** Nova doutrina, sobretudo em teologia.

Nos anos posteriores às definições de Aulete (1970), Ferreira (1986) e Houaiss (2001) seriam os próximos a registrarem os verbetes neologia e neologismo e ainda iriam acrescentar outros como: neológico, neologista, neólogo, neologismar. Os dicionários *Aurélio Século XXI* e *Houaiss* registram *neologismo*, respectivamente, como:

S.m. **1.** *E. Ling.* Palavra ou expressão nova numa língua, como p.ex., *dolarizar*, *dolarização*, no português. **2.** *P. ext.* Significado novo que uma palavra ou expressão de uma língua pode assumir. [P.ex. *zebra*, como ‘resultado inesperado’.] **3.** Nova doutrina, sobretudo em teologia.

S.m. **1.** emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não **2.** atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua.

Após uma análise sobre o tratamento dado às palavras consideradas neológicas por parte desses lexicólogos, podemos perceber que alguns deles são um pouco mais puristas e resistentes ao seu ingresso no léxico do português. Caldas Aulete, por exemplo, denominava alguns dos empréstimos “galicismos inúteis”. Os termos galicismo e anglicismo podem possuir caráter pejorativo, uma vez que seria possível utilizar a denominação empréstimo lingüístico, assim como registra Ferreira (1975).

Apesar da forte reação purista, o que se pode perceber hoje em Ferreira (1999) e Houaiss (2001) é um franco acesso das palavras neológicas ao léxico da língua portuguesa, sempre que forem consagradas, seja pela literatura, seja pelo uso popular.

3.1.2. AS OBRAS ANTERIORES À NGB

Os estudos sobre neologia no Brasil são bastante recentes. Contudo, podemos encontrar registros embrionários desses estudos em compêndios

gramaticais e filológicos brasileiros já no final do século XIX e início do século XX. Evidentemente, uma vez que estamos tratando da Língua Portuguesa, devemos registrar que em Portugal há registros anteriores a essa data. Todavia, nosso objetivo é, devemos lembrar, uma abordagem histórica brasileira, portanto decidimos não mencionar os estudos anteriores portugueses.

Ao longo deste capítulo, mostraremos o posicionamento de alguns dos principais gramáticos e filólogos que trataram sobre o assunto anteriormente à publicação da NGB. Nosso objetivo é, em capítulo posterior, darmos conta de como o assunto passa a ser tratado após a Lei, atentando para uma possível mudança de posicionamento por parte dos autores. Talvez, a conscientização de que a língua se renova tenha começado no Brasil em 1887 em *Noções de grammatica portugueza*, de Pacheco da Silva e Lameira de Andrade:

Não bastavam ao portuguez as expressões, idéias e imagens do latim pela tradição oral; outras idéias agitaram-se no espírito popular, e força foi argumentar o vocabulário. O lexico está sempre em mobilidade: ora registra palavras novas, ora apresenta-as sob novos aspectos.

Muitos são os factores neologicos, os centros formadores de palavras: a política, a moda, o quartel, as officinas, a lavoura,... tudo concorre para opulentar o vocabulário e renová-lo. São tantos os centros de neologismos quantos os grupos naturaes de pessoas e de occupaões. (1887: 349)

Vale destacar que é bastante comum o tratamento de “vício de linguagem” que os gramáticos do início do século XX dispensavam aos neologismos. Júlio Ribeiro (1910) diz que os neologismos não passam de deturpadores da língua:

A mania do neologismo é das mais detestáveis. O neologismo só se justifica pela necessidade de uma denominação nova, para uma descoberta que também é nova, para um novo instrumento, ou então quando vem apadrinhado por um nome respeitado na língua. Os neologistas não passam de deturpadores da língua.(1910:353)

Revelando-se uma exceção ao pensamento gramatical do início do século XX, Maximino Maciel (1912), em sua *Gramática descritiva*, classifica os neologismos em técnicos, literários, populares e semânticos, chegando a sinalizar para as “causas dos neologismos”. Faz parte do senso comum a idéia de que o neologismo é o oposto do arcaísmo. Isso já nos dizem os gramáticos desde que os estudos sobre neologismo se iniciaram. Para complementar tal idéia, Maciel (1912) lança mão de um olhar Evolucionista e compara a evolução lexical às leis da biologia: os neologismos seriam uma assimilação e os arcaísmos, uma desassimilação.

Said Ali (1923) trata dos neologismos de importação, em uma parte de sua *Gramática Secundária* intitulada “Sintaxe e Estilística”, dizendo que se justificava seu emprego por serem úteis e não haver expressões portuguesas em voga para dizer mesma coisa. Assim como Ali, outros gramáticos acreditavam que os neologismos eram matéria de Estilística e que, portanto, manuais que não fossem sobre Estilística não precisariam dar conta do assunto.

João Ribeiro (1933) considera admissíveis os neologismos desde que haja necessidade de usá-los e que não haja abuso de formações por derivação, que denunciariam pobreza de vocabulário.

Sousa Lima (1937) defenderá idéia semelhante à de Said Ali (1923), em capítulo intitulado “Da importação de palavras” de sua *Gramática expositiva da língua portuguesa*. O Autor acrescentará que os neologismos devem obedecer às leis de formação das palavras vernáculas.

Antes de prosseguirmos, é preciso registrar que os primeiros estudos acerca desse tema no Brasil transpareciam dar uma importância muito grande à questão dos estrangeirismos – inicialmente os galicismos, posteriormente os anglicismos. Sem dúvida, o purismo de alguns é, até hoje, uma barreira à aceitação de modificações lingüísticas, ainda mais as modificações de ordem lexical.

O pensamento desses autores é bastante condizente com as idéias que hoje são expostas no tocante ao assunto. Eles expandem para o povo o conceito de criação neológica: são as pessoas comuns, suas mais diversas comunidades lingüísticas, que criam palavras ou transformam significados. Ao contrário, a idéia que os gramáticos e filólogos da época apresentavam era a de que os neologismos estavam ou relacionados à idéia de estrangeirismo, ou habitavam exclusivamente o meio literário, embora somente aos mais nobres autores fosse dado o direito de “criar” novas palavras.

Com o avanço dos estudos sobre o assunto, constatamos uma mudança de paradigma. A preocupação com o elemento neológico estrangeiro (estrangeirismo) é revertida para o popular. Também não se destina tanta atenção ao elemento neológico literário, que logo ficará em plano secundário. O privilégio dos estudiosos passa àquelas palavras que caíram nas graças do povo e que, mesmo que seja por um curto período, serão faladas (e também escritas) por uma fatia significativa da sociedade.

3.1.3. A NGB E A AUTORIA

Os gramáticos brasileiros do século XIX desempenharam um papel de responsabilidade e prestígio. É inegável que muitos deles foram mais do que meros reprodutores de conhecimentos, uma vez que o produziam de forma reflexiva e crítica.

Na segunda metade do século XX, surge a proposta para uma Nomenclatura Gramatical Brasileira, que resulta em publicação em 11 de maio de 1959. O tratamento uniforme proposto veio facilitar o processo de ensino-aprendizagem da gramática da língua portuguesa no Brasil, uma vez que havia antes um excesso de terminologias para significar um mesmo fenômeno.

Este problema fora solucionado, mas muitos outros acabaram por surgir. Um deles, talvez o mais significativo, foi o apagamento do papel científico das gramáticas, uma vez que a partir da NGB esperava-se que elas apenas seguissem o que era previsto pela portaria. Caso contrário, quando um ou outro autor desrespeitasse a Nomenclatura, sua gramática seria excluída da lista das aprovadas segundo as novas normas estabelecidas pela NGB.

É evidente que a gramática, mesmo após a NGB, permanece soberana no ensino escolar, todavia a Lingüística acaba por adquirir maior prestígio científico por elaborar uma metalinguagem com fins específicos de reflexão.

Um assunto tão polêmico quanto a neologia não poderia ser omitido na NGB, embora não tenha encontrado lugar no Anteprojeto (1957 / 1958). Lá encontramos, na parte “Significação das Palavras”, menção apenas ao sentido figurado, que algumas vezes poderia remeter à neologia semântica.

A portaria de 1959 manteve para esse assunto a mesma postura do Anteprojeto: o silêncio. Somente a portaria de 28 de abril de 1967, da Nomenclatura Gramatical Portuguesa, na parte “História da Língua”, subparte “História do Léxico”, inclui não só o neologismo, como também o arcaísmo e o estrangeirismo.

É interessante percebermos que a NGB não registra a formação neológica como um vício de linguagem, assim como fizeram importantes gramáticos antes e depois de sua publicação (ver Bechara, 1975). Também quanto aos estrangeirismos, eles são tratados como se não fossem neologismos, uma vez que estão registrados separadamente na listagem da “História do Léxico”.

Como já dissemos, alguns autores importantes que tiveram publicações posteriores à NGB se abstiveram de tratar do assunto, como foi o caso de Rocha Lima (1974) e Cunha & Cintra (1985). Já Evanildo Bechara, nos dois momentos

de sua *Moderna gramática portuguesa* (1975 e 1999), trata de maneiras distintas a questão da formação neológica.⁵

Em 1975, encerra a questão em um apêndice, embora ainda considere os neologismos como “Vícios e anomalias de linguagem”. Considerando que eles se devem a “um processo natural de assimilação”, o Autor só condena, assim como outros gramáticos, os neologismos desnecessários, por já existirem “no vernáculo vocábulos e giros equivalentes”.

Na edição publicada pela editora Lucerna em 1999, Bechara não só destina um capítulo para o tratamento do assunto, como também separa neologismos de estrangeirismos, mantendo estes entre os vícios de linguagem, tratados ainda em apêndice.

FORMAÇÃO DE PALAVRAS DO PONTO DE VISTA CONSTITUCIONAL

Renovação do léxico: criação de palavras – As múltiplas atividades dos falantes no comércio da vida em sociedade favorecem a criação de palavras para atender às necessidades culturais, científicas e da comunicação de modo geral. As palavras que vêm ao encontro dessas necessidades renovadoras chamam-se *neologismos*, que têm, do lado oposto ao movimento criador, os *arcaísmos*, representados por palavras e expressões que, por diversas razões acabam esquecidas por uma comunidade lingüística, embora permaneçam em comunidades mais conservadoras, ou lembrados em formações deles originais. (1999:351)
(..)

VÍCIOS E ANOMALIAS DE LINGUAGEM

Estrangeirismo – É o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua. Os estrangeirismos léxicos que entram no idioma por um processo natural de assimilação de cultura ou de contigüidade geográfica, assumem aspecto de sentimento político-patriótico que, aos olhos dos puristas extremados, trazem o selo da subserviência e da degradação do país. Esquecem-se de que a língua, como produto social, registra, em tais

⁵ As primeiras edições dessas gramáticas datam de: Bechara: 1961; Celso Cunha & L. Cintra: 1985 e Rocha Lima: 1972 (data em que começa a 3ª versão)

estrangeirismos, os contatos de povos. (...) O que se deve combater é o excesso de importação de línguas estrangeiras, mormente aquela desnecessária por se encontrarem no vernáculo palavras e giros equivalentes. (1999: 599)

Ieda Maria Alves, autora de *Neologismo, criação lexical* (1990), chama neologia o processo de criação lexical cujo produto é o neologismo. A palavra nova pode ser formada através de mecanismos da própria língua, por empréstimo ou por processos autóctones.

Os neologismos se classificam em vocabulares (são significantes novos) e semânticos (são significados novos para significantes já existentes). Abordando essa mesma questão, Jean Dubois utiliza uma terminologia diferente para classificar os neologismos: de forma (consiste em fabricar novas unidades) e de sentido (consiste em empregar um significante que já existe na língua, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então). Dessa forma, dizemos que a neologia vocabular equivale à de forma e à neologia semântica a de sentido. Há ainda os neologismos locucionais, que se caracterizam por serem expressões cujos componentes, separadamente, estão dicionarizados, mas que, juntos, têm um valor semântico novo.

Dois grandes grupos se destacaram na criação de vocábulos na língua portuguesa: os grandes escritores, desde Camões até os dias de hoje, na literatura em geral e os profissionais da comunicação, na imprensa escrita ou falada. Na literatura, o processo de criação neológica já dura cerca de quinhentos anos. Em contrapartida, entre os profissionais de comunicação, podemos contabilizar esse processo somente do século XX em diante, principalmente a partir da segunda metade do século XX.

Assim, os neologismos literários, isto é, os que são produzidos por escritores, nascem da necessidade de se criar palavras para expressar-se ou nomear coisas, mas não possuem grande alcance ou repercussão, uma vez que os leitores de uma determinada obra literária são, em número, bem menos do que

aqueles de um jornal de grande circulação. Os neologismos criados por Guimarães Rosa, por exemplo, podem alcançar cerca de 2.000 leitores, ao passo que os neologismos veiculados pela *Folha de S. Paulo* alcançam 1.000.000 de leitores.

Por isso, neologismo literário tende a nunca ser dicionarizado, opondo-se aos de meio de comunicação, que tendem a tornarem-se dicionarizados.

Há, basicamente, duas maneiras de um neologismo deixar de sê-lo: 1^a) quando a sociedade o consagra pelo uso; 2^a) quando ele passa a ser dicionarizado, entrando para o *corpus* de exclusão.

Se nos perguntarmos como os neologismos são criados, chegaremos à conclusão de que, basicamente, há dois processos bastante produtivos para a formação neológica: a composição e a derivação, que na verdade são os processos de formação de palavra mais produtivos de nossa língua. Vale destacar a importância também da formação por empréstimos lingüísticos: os estrangeirismos.

Quando tratamos da composição como processo formador de neologismos, acreditamos ser a justaposição mais produtiva do que a aglutinação, uma vez que aquela é um processo mais natural do que esta. Por sua vez, quando tratamos da derivação, sem dúvidas, a sufixal se faz mais produtiva do que a prefixal: há sufixos verbais, nominais (os mais produtivos) e adverbial (somente ocorre um). Prefixos não mudam, geralmente, a classe das palavras. Dizemos geralmente porque no caso de barba / imberbe a mudança ocorre.

Um importante conceito que merece ser destacado aqui é o de matriz morfológica, termo criado por Amaro Ventura Nunes. O eminente professor foi o primeiro a trabalhar com várias linguagens. Dessa forma, as matrizes seriam os moldes ou esquemas lingüísticos para a criação de palavras. Elas explicam não só a criação de palavras já existentes na língua, mas também a formação de neologismos. Sabemos que as palavras são criadas a partir do que já existe. Amaro Ventura Nunes, citado por Valente (2005), propõe a existência de

matrizes para criar, entre as classes de palavras, substantivos, adjetivos, verbos e advérbios. Exemplificaremos abaixo algumas matrizes:

Matriz para criar substantivo:

Verbo + sufixo = substantivo

Adjetivo + sufixo = substantivo

Matriz para criar adjetivo:

Substantivo + sufixo = adjetivo

Matriz para criar verbo:

Adjetivo + sufixo = verbo

Substantivo + sufixo = verbo

Matriz para criar advérbio:

Adjetivo (no feminino) + sufixo (-mente) = advérbio derivado

Também se faz importante recordarmos aqui a posição de Ieda Maria Alves sobre esse assunto. Em sua obra já referida, a autora afirma que são processos de formação neológica: neologia fonológica, neologia sintática (derivação, composição, formação por siglas, composição sintagmática), neologia semântica, neologia por empréstimo, conversão, entre outros processos. Resumidamente, mostraremos o que cada um desses processos significa.

Os neologismos fonológicos são o resultado da criação de um vocábulo cujo significante é totalmente inédito. Esse tipo de neologia não é muito comum, pois para que um vocábulo seja considerado neologismo, é preciso que ele seja interpretado pelo receptor. Assim, acreditamos que a criação de um significante inédito impediria a comunicação, fato que torna a neologia essencialmente fonológica raríssima.

Poderiam ser incluídas na neologia fonológica as onomatopéias. No entanto, esse tipo de formação não é totalmente arbitrário. Há, embora imprecisa, uma relação entre o vocábulo formado e ruídos e gritos. É, na verdade, a imitação de um som.

Os neologismos sintáticos, bem mais freqüentes, são formados através da combinação de elementos já existentes na língua portuguesa.

No caso da conversão, também conhecida como derivação imprópria, a formação lexical se dá através de alterações em sua distribuição sem que ocorram mudanças na forma.

Os neologismos semânticos ou conceptuais são aqueles em que uma unidade léxica já existente adquire um novo significado. Todos os processos metafórico e metonímico se constituem em neologia semântica. Em alguns casos isso é mais transparente, em outros, menos. Podemos concluir, assim, que há níveis de neologia semântica, o que explica seu menor grau de aceitação em relação à neologia vocalular.

Ainda podemos destacar outros processos enumerados por Ieda Maria Alves: truncação (processo pelo qual há uma abreviação em que uma parte da seqüência lexical, na maioria das vezes a última, é eliminada), palavra-valise (tipo de redução em que dois itens lexicais são privados de seus elementos para formarem um novo: um perdendo sua parte final e o outro, a parte inicial), reduplicação (processo pelo qual a mesma base é repetida duas ou mais vezes) e a derivação regressiva (processo em que a formação lexical resulta da supressão de um elemento, considerado de caráter sufixal).

Segundo Maria Aparecida Barbosa (In OLIVEIRA & ISQUERDO), os neologismos devem ser analisados de maneira diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica. Diacronicamente, o neologismo criado em determinada época desneologiza-se, isto é, ou desaparece, ou integra-se à norma culta. Já os neologismos diatópicos e diastráticos são aqueles utilizados por uma mesma região geográfica e por uma mesma camada social, respectivamente. Porém, nem sempre se limitam à fronteira da região ou do grupo social. Sendo assim, é possível que uma palavra seja “levada” a uma nova região ou a um novo grupo social, depois de um tempo, tornando-se neologismo também nesses ambientes. O neologismo diafásico se dá quando um “vocábulo que já se desneologizou num universo de discurso se neologiza noutro universo de discurso.” (1998: 37)

Há também os neologismos por empréstimo, freqüentemente encontrados em vocabulários técnicos (esportes, economia, informática) e em algumas linguagens especiais como a da publicidade e a das colunas sociais. Segundo Nícia Verdini Clare (2004), para que um empréstimo chegue a ser adotado, ele passa por diversas fases:

a fase de instalação e adaptação, quando um termo pode ser aceito (caso de *futebol, gol, pênalti* etc) ou rejeição (caso de *back, center-forward* etc) ou, ainda, aceito inicialmente para ser, mais tarde, substituído por palavra mais expressiva (caso de *corner*, hoje substituído por *escanteio*); fase de aceitação com manutenção da forma gráfica (caso de *corbeille, show, shampoo*, cujas formas adaptadas *corbelha, xou* e *xampu* tornaram-se quase entranhas ao senso popular; comum em nomes próprios, em que a grafia original parece conferir maior status: *Shirley, Isley* etc); fase de aceitação com adaptação à fonética portuguesa (*futebol, pudim, nhoque, bife, abajur* etc). Em fase final, o empréstimo é de tal forma incorporado à língua que pode ser considerado lexema vernáculo, servindo de origem a novos vocábulos através de processos de derivação ou de composição: *surf*, por exemplo, deu *surfista*. (2004: 24)

Segundo os critérios apresentados, os estrangeirismos se integram à língua por adaptação gráfica, morfológica ou semântica. No período de integração é que o estrangeirismo tem sua fase propriamente neológica.

André Crim Valente, em artigo intitulado *Produtividade lexical: criações neológicas* (2005), distingue três tipos de empréstimos:

- **empréstimo lexical:** sem tradução ou substituição de fonemas, pode ser não adaptado fonológica e graficamente (*jazz, smoking*), só ortograficamente (*freezer, show*) ou morfossintaticamente (*campus/campi; corpus/corpora*)
- **empréstimo semântico:** com tradução ou substituição de fonemas; empresta uma idéia, um significado sem os significantes, com ou sem alterações de estrutura (*hot-dog / cachorro-quente*, com alteração de estrutura; *haute couture*, sem alteração de estrutura).
- **Empréstimo estrutural:** não importa morfemas ou palavras mas sim um modelo (“videolocadora”, com determinante + determinado contrariando a ordem do

Português; o mesmo ocorre em “motogincana” e ainda em nomes de lojas e empresas com Lucy Calçados). (2005: 135)

Em artigo já citado, Valente levanta a importância dos conceitos de bloqueio e desbloqueio. Mark Aronoff (1976), primeiro teórico a conceituar bloqueio, diz isso ser uma forma que não ocorre pelo fato de já existir outra na língua já formada. Assim diz Assis Rocha, em “Guimarães Rosa: criação lexical, bloqueio e desbloqueio”, publicado no livro *Veredas de Rosa* (2000)

Em português, existe a conhecida relação paradigmática *jogar / jogador, treinar / treinador, namorar / namorador, paquerar / paquerador*, a partir da qual é possível fixar a RFP (*regra de formação de palavra*, grifo meu) da língua ($V \rightarrow S - dor$). Com base em *fabricar*, a língua não apresenta, porém, (?) *fabricador*, porque a casa lexical do agentivo derivado de *fabricar* está preenchido por *fabricante*, produto formado por outra RFP da língua. ($V \rightarrow S - nte$), ou seja, por meio de uma regra recorrente. Caracteriza-se desse modo o bloqueio, fenômeno que, como dizíamos, impede a formação de inúmeros itens lexicais do português. (2000: 365)

Valente (In: HENRIQUES & SIMÕES, 2004, 201) define desbloqueio quando, mesmo existindo uma forma, é criada outra com fins estilísticos. Cita as criações “apitador” (para mau juiz de futebol) e “pintador” (para mau pintor). Já no campo da MPB, ele destaca o uso de “sambeiro” no lugar de “sambista”, encontrado em uma canção popular, para significar aquele que usa o samba com fins lucrativos.

Podemos perceber que, ao longo do tempo, os estudos sobre neologismo no Brasil vêm se intensificando, havendo já uma discrepância em sua classificação, o que nos faz refletir sobre a subdivisão nomenclatural, não sem antes nos questionarmos se seria benéfico ou maléfico.

Outro ponto importante é que depois da NGB os neologismos e os estrangeirismos passaram a ser tratados como fenômenos distintos pela

gramática (registrado em Bechara, 1999), ao passo que alguns lingüistas insistem em tratá-los como faces de um mesmo fenômeno (neologismo por empréstimo).

4. CRITÉRIOS

Durante a pesquisa realizada, objetivou-se o levantamento das propriedades sintático-semânticas do léxico da coluna *Gente Boa*, consultada a partir de março de 2005 até fevereiro de 2007.

Os neologismos catalogados foram, portanto, encontrados em textos que circulam na língua escrita em prosa, representando o vocabulário representativo daqueles que possuem destaque na sociedade brasileira, em especial a carioca.

Como nos lembra Francisco da Silva Borba, nossa investigação

tem que começar por verificar quais são as grandes linhas de circulação vocabular em todos ou num registro determinado das duas modalidades básicas de manifestação da língua: o oral e o escrito. A primeira impressão que se tem é de dispersão ou de difusão um tanto desordenada ou arbitrária, que dá lugar, em seguida, à percepção de uma estreita relação texto/contexto associada à variação de acepções. (2003:17)

4.1. O CORPUS

O estabelecimento *corpus* se deu pela coleta da fonte mencionada, seguindo os critérios de seleção lexical (neologismos lexicais, semânticos e locucionais) que se baseiam no confronto com os dicionários *Houaiss* e *Aurélio XXI* e o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, restringindo este

último apenas para a observação do registro do verbete, constatando-se inovação na forma (neologia lexical).

Pareceu-nos mais adequado listar os neologismos encontrados de maneira alfabética e, conforme sua característica, classificá-lo como **neologismo semântico, lexical ou locucional**.

Dessa forma, trataremos por **neologismo semântico** os verbetes que, embora já estejam dicionarizados, apareçam com acepção diferente daquela(s) apresentada(s) pelo dicionário, como algumas vezes ocorre com palavras pertencentes a uma classe que passam à outra.

Os **neologismos lexicais** são aqueles que não possuem registro dicionarizado de sua forma dicionarizada, ao passo que os **neologismos locucionais**, embora possam ter um ou mais de seus componentes dicionarizados, produzem uma nova significação quando estão todos juntos, formando o sintagma que não está consagrado em pelo menos uma das fontes de exclusão. Sempre que necessário, haverá a inserção de uma nota logo após o(s) exemplo(s), com comentários a respeito de sua formação, da etimologia e de ordem histórica, social ou lingüística.

Os verbetes registrados, evidentemente, serão representativos do vocabulário das camadas sociais em evidência, em especial da classe artística. Pôde-se verificar que, embora vocábulos recorrentes nessa coluna não estivessem dicionarizados em 1986 pelo *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, já se encontram entre os verbetes do *Aurélio Século XXI* (1999) ou *Houaiss da Língua Portuguesa* (2001), como é o caso de: antenado (adjetivo), barraco (substantivo), ficar (verbo), malhado (adjetivo), pegação (substantivo). Assim, podemos afirmar que esses vocábulos desneologizaram-se, ou seja, deixaram de ser neologismos.

Todavia, vale registrar que, embora já estejam dicionarizados o verbo *ficar* e o substantivo *pegação*, encontraremos, no levantamento dos neologismos, o

substantivo *ficante*, no mesmo campo semântico de *ficar* e o verbo *pegar* no campo semântico de *pegação*.

4.2. A ORGANIZAÇÃO DA NOMINATA

Os verbetes estão organizados da seguinte forma: após o registro alfabético, está identificada sua classe gramatical, o tipo de neologismo (lexical, locucional ou semântico), sua definição, abonação e, caso necessário, uma observação final a respeito de sua formação ou etimologia (no caso dos neologismos semânticos e locucionais), ou ainda comentários históricos, sociais e lingüísticos.

A classificação gramatical é feita através de abreviaturas segundo critérios estabelecidos pelo contexto. Somente por meio do contexto poderemos identificar a que classe pertence uma palavra.

Para a definição de gênero, levamos em conta o critério de Mattoso Câmara Jr., em *Estrutura da Língua Portuguesa*, segundo o qual os nomes são divididos em *de um gênero* (feminino e masculino) e *de dois gêneros*, com ou sem flexão.

Também se estabeleceu que, ao final de cada verbete, após a definição, segue-se a abonação com diferentes citações acompanhadas da fonte de onde foram extraídas, uma vez que é o contexto o responsável por indicar a classe à qual a palavra pertence.

É importante ressaltar que não houve quaisquer modificações e/ou alterações na grafia dos neologismos registrados. Conforme estavam registrados nas publicações, estão redigidos no glossário.

4.3. A DEFINIÇÃO DOS VERBETES

Seguiremos, para a elaboração do texto que compõe um verbete, o que sugere Maria José Bocorny Finatto, no artigo “O papel da definição dos termos técnico-científicos”, publicado na *Revista da Abralin*,

O enunciado que define uma noção, processo ou objeto é um elemento-chave na constituição e na veiculação do conhecimento especializado, tecnológico e científico. Afinal, expressa um segmento de relações de significação de uma área do saber. (Julho/2001:74)

A busca pela clareza e objetividade devem ser ideais perseguidos pela definições dos verbetes. Porém devemos ser cautelosos, como explica Finatto, pois,

um excesso de normatividade lógica, tanto tomado como medida de análise, quanto cobrado da sua apresentação, pode gerar alguns problemas quando se lida com definições concretas, reais. Portanto, colocar ou requerer um padrão de formulação uniforme, absoluto ou invariável, que possa valer para qualquer situação, ou privilegiar apenas uma forma lógica seria uma medida pouco inteligente na medida em que nos distancia da realidade da linguagem em geral e também de uma determinada linguagem técnica ou científica em uso. Afinal, a variação é um traço construtivo da linguagem *in vivo*, seja ela especializada ou não. (IDEM)

Segundo a autora, embora devamos tentar seguir um padrão definitório, ele poderá ser rompido em favor de um esclarecimento necessário.

5. GLOSSÁRIO DOS NEOLOGISMOS NAS PUBLICAÇÕES DA COLUNA *GENTE BOA*

abre-alas sm

NS

Momento inaugural.

Show no **abre-alas**

Elenco se reúne para ver o primeiro capítulo de 'JK'. "A Júlia chorou muito, a Débora também e eu vi o Wilker esfregando os olhos", contava Dennis Carvalho, diretor geral da minissérie "JK", logo depois da exibição do primeiro capítulo da minissérie, anteontem. (*Gente Boa*, 5 de janeiro de 2006.)

Obs.: A analogia é feita em relação ao carro alegórico inicial de uma escola de samba, que é aquele que dá início ao desfile, bem como em relação à marchinha carnavalesca, já do início do século.

achar-se vi

NS

Vangloriar-se; gabar-se.

Num vestido branco, curto e decotado, Daniela abusou do direito de ser 'star'. Era escoltada por três seguranças que empurravam bruscamente quem ousasse chegar perto da futura senhora Nazário de Lima. "Ela ta **se achando** muito, veio", reclamava a repórter que minutos antes a chamava de Cica. (*Gente Boa*, 7 de outubro de 2004.)

Obs.: O verbo apresenta nova acepção e predicação. O pronome *se* é parte integrante do verbo.

acrioca sm

NL

Amálgama entre acreano e carioca

Homenagem dos **acriocas**

Nascida em Rio Branco, Glória Perez será homenageada hoje, às 18h30m, num show dos conterrâneos João Donato e Sérgio Souto, dirigido por Lysias Enio, no teatro Sesi. (*Gente Boa*, 18 de setembro de 2006.)

alemão sm

NS

Estrangeiro, gringo.

“Notícias do Mirandão”, de Fernando Molica, livro sobre a barra pesada carioca, será lançado na Alemanha, pela Nautilus. A editora só não sabe ainda como traduzir **alemão**, estrangeiro na gíria dos morros do Rio, para os próprios. (*Gente Boa*, 14 de setembro de 2005)

Obs.: Neologismo diastrático. O substantivo, inicialmente utilizado por marginais para se referir ao inimigo, foi incorporado ao vocabulário popular.

Alerjico sm

NL

Membros da Alerj (Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro).

Funcionários da Assembléia Legislativa que já criaram o bloco carnavalesco “Falta de quórum” inventaram nova agremiação para desfilar nas ruas do Centro após os jogos da Seleção: **Alerjicos** ao trabalho”. (*Gente Boa*, 7 de junho de 2006.)

Obs.: O sufixo –ico é usado para formação de substantivos, com a intencionalidade de ironizar. Há ainda homonímia com *alérgico*, induzindo o leitor a pensar que tais funcionários têm alergia ao trabalho. Por isso, melhor seria se o neologismo fosse acentuado como paroxítono: “alérjico”.

apê sm

NL

Abreviação de apartamento

Para incentivar o pagamento, faz sorteios semestrais de DVDs. Reinaldo ainda é porteiro e divide o cargo de síndico com o de zelador. Recebe R\$ 5 mil e já comprou três **apês** em João Pessoa. (*Gente Boa*, 4 de dezembro de 2005.)

argentivamente adv

NL

Feito de modo argentino.

Era a modelo argentina Romina Lanaro, que acompanhava a performance de Tevez e cia. antes de desfilar para a Cantão. “Se o Maradona é melhor do que o Pelé? Mas lógico que sim”, disse **argentivamente**. Romina é fã mesmo do meia Riquelme, que ela considera “melhor do que o Tevez e o Saviola”. (*Gente Boa*, 12 de junho de 2006.)

Obs.: O sufixo –mente, utilizado como um dos principais formadores de advérbios de modo, possui alta produtividade lexical, como em **baianamente** (q.v.)

a seco loc adv

NLoc

Sem fazer uso de bebidas alcoólicas.

De Miúcha, pedindo licença à platéia do Mistura Fina, sábado, para tomar um uisquinho: “Fica até feio cantar Vinícius **a seco**. (*Gente Boa*, 9 de janeiro de 2006.)

Obs.: O sintagma toma o significado do adjetivo “seco” como “livre do álcool”.

avec s2g

NL

Com alguém, acompanhado.

Carolina Ferraz se preparava para dar uma entrevista para a TV amazonense quando o repórter lhe pergunta baixinho em seu ouvido. “Só para eu saber: você está **avec**?” “Ah, não. Não vem com essa história de **avec**. Não vamos falar disso não, ok?”. Ok, ele disse. (*Gente Boa*, 12 de junho de 2006.)

Obs.: A grafia de **avec** vem diretamente do francês, configurando-se em empréstimo lexical. Na língua francesa, **avec** é a preposição “com”, daí a analogia com “acompanhado”.

babar vi

NS

Dar errado, acabar.

Na saída, um susto. Balas traçantes riscavam o céu, cena típica de alguma pendenga entre traficantes e polícia. Tiros, muitos tiros. “Caraça, **babou**, muleque! Até traçante ta rolando”, dizia Jorge de Sá, o filho da Sandra de Sá, ao celular, em tempo real. (*Gente Boa*, 10 de abril de 2006.)

backstage sm

NL

Bastidores, coxia, parte que fica atrás do palco.

“A modelo que mais come é aquela ruivinha”, dizia a responsável pelo *catering*, ou seja, o lanche do **backstage**. (*Gente Boa*, 14 de janeiro de 2006.)

O calor no **backstage** era tanto que várias lâmpadas em volta do espelho, aquela coisa de camarim de artista, foram desligadas para amenizar a temperatura. (*Gente Boa*, 12 de janeiro de 2006.)

Ele também gostou bastante de seu show. “Amei! Todo mundocantou junto”, disse Monique Gardenberg, no **backstage**. (*Gente Boa*, 25 de outubro de 2005.)

Obs.: A grafia de **backstage** vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

baianamente adv

NL

O que é feito de modo baiano.

Caetano Veloso chegou perto de Ana Paula Arósio para a alegria dos fotógrafos. Caetano, com sorriso de lado, explicava **baianamente**: “Gente, eu só me aproximei dela porque sou um cavalheiro”, e repetia a justificativa com as mãos na cintura da atriz. (*Gente Boa*, 6 de outubro de 2005.)

Obs.: O sufixo –mente, utilizado como um dos principais formadores de advérbios de modo, possui alta produtividade lexical.

baixo bebê

NLoc

Região localizada na praia do Leblon, onde se concentram os bebês que passeia pela orla.

Integrante de uma caravana de mães de São João de Meriti que foi visitar o **Baixo Bebê** em dezembro de 2002, Maria Helena Nunes processou o quiosque por maus tratos que, diz ela, teria sofrido. (*Gente Boa*, 18 de julho de 2005.)

Obs.: o adjetivo baixo é largamente utilizado para caracterizar um lugar com muito movimento, agitado. O fato ocorre também em “baixo Gávea” ou “baixo Leblon”.

bão a

NL

Bom, gostoso.

*Defina homem **bão***: Um homem sensível, inteligente, que consiga enxergar o meu melhor. Que tenha capacidade de me estimular para que eu tenha uma vida pessoal bem-sucedida. O homem **bão** deve ser carinhoso e bem-humorado. Parece sonho, né? Mas é possível!!! (*Gente Boa*, 27 de agosto de 2005.)

Obs.: O neologismo é resultado da influência de variantes diatópica e diastrática, uma vez que houve uma troca fonética: [bõw] → [bãw].

barista a

NL

Mistura de *sommelier* e *barman* de café.

Emílio Rodrigues é **barista**, uma mistura de *sommelier* de *barman* de café. Faz desenhos com o creme de leite no café expresso e dá cursos como consultor do Café Florença. (*Gente Boa*, 29 de dezembro de 2005.)

Obs.: Formada por analogia a “pianista” ou “surfista”, para indicar uma categoria específica de *barman*.

barraquear vi

NL

Ato ou ação de promover barracos, confusões.

Os melhores momentos da MTV são os ataques de fúria de Virgínia: “Porque se é pra **barraquear** nós **barraqueia**”, dizia Mion, sacudindo os ombros com a mão na cintura. (*Gente Boa*, 11 de janeiro de 2006.)

Obs.: Verbo derivado do substantivo barraco.

barraqueiro a

NS

Indivíduo que promove confusões.

A expectativa era grande entre os jornalistas. O que será que Fernanda Lima fez, bebinha quando era adolescente, que a deixou tão marcada? “Tomei um pilequinho e fiquei com um cara, beijei muito ele, tinha tempo que eu estava afim. Mas quando abri os olhos, vi que tinha errado de cara. Peguei o amigo dele!” O povo ficou meio decepcionado, esperava coisa mais picante. “Ah, esse é o único mico publicável”, explicou Fernanda, que interpretará uma modelo **barraqueira**. (*Gente Boa*, 14 de novembro de 2006.)

Obs.: Adjetivo derivado do substantivo barraco.

bater bundinha

NLoc

Tipo de dança característica do funk, geralmente praticada por mulheres, em que duas ou mais pessoas rebolando chocam seus traseiros umas contra as outras.

Célebres dão show nos bastidores: uma atriz apresenta o novo namorado, outra **bate bundinha**, na festa do Prêmio Multishow. (*Gente Boa*, 7 de julho de 2005.)

Obs.: O verbo bater, associado à “bundinha”, “perna” e “ponto”, tem sua significação atribuída a “fato realizado” com freqüência. No caso de bater bundinha, o substantivo só será usado com sufixo diminutivo.

bater perna

NLoc

Passear; andar sem uma direção e sem finalidade específicas.

A atriz e diretora começou a freqüentar as ruas do mercado popular quando tinha uma confecção de roupas e, mais tarde, quando começou a trabalhar com figurino. “Ih, já **bati** muita **perna** aqui”, diz. (*Gente Boa*, 29 de janeiro de 2006.)

Obs.: O verbo bater, associado à “bundinha”, “perna” e “ponto”, tem sua significação atribuída a “fato realizado” com freqüência.

bater ponto

NLoc

Comparecer com assiduidade.

É Claudia Raia. “Celulari, o que você está fazendo que a Cláudia todo dia **bate ponto** aqui?” Brinca Monjanrdim, do microfone da swicher. (*Gente Boa*, 24 de junho de 2006.)

Obs.: O verbo bater, associado à “bundinha”, “perna” e “ponto”, tem sua significação atribuída a “fato realizado” com freqüência.

Betty Faria

NLoc

Equivale a dizer que a pessoa é bonita, com a intenção de pegá-la (v. pegar)

Gíria gay para dizer que a pessoa em questão é bonita, atraente: **Betty Faria**. Funciona mais ou menos assim: “Olha lá aquele fortão de sunga!”. E o outro: “**Betty Faria**”. Equivale ao “eu pegava”. (*Gente Boa*, 30 de março de 2006.)

Obs.: Formação por eponímia: Betty Faria é o nome de atriz de sucesso na tevê brasileira nos anos 70 e 80.

Beyoncione sf

NL

Mulher que é um misto de Beyoncé e Alcione.

“**Beyoncione!!!**”, exclamou o músico Donatinho diante de Preta Gil, vestida num mini dourado e lambuzada de cremes bronzeadores. “Hahaha, muito bom. Sou a mistura da Beyoncé com a Alcione”, dizia Preta. (*Gente Boa*, 21 de outubro de 2005.)

Obs.: Amálgama dos antropônimos Beyoncé e Alcione, em referência à Preta Gil, todas cantoras populares da raça negra.

bi s2g

NL

Abreviação de bicha; maneira carinhosa de fazer referência à bicha.

Ser modelo é conhecer cabeleireiros e maquiadores e chama-los de “**bi**”. Assim: “Oi, **bi!**”, um jeitinho carinhoso de dizer “Oi, bicha!”

Obs.: Encontra-se o registro de “bi” para as reduções de “bilhão, bicampeão e bicampeonato” (Houaiss). A redução de “bicha” não está registrada. As formas existentes são abreviação morfológica pelo prefixo, esta abreviação é apenas silábica.

bi-bi sm

NL

Seios.

“Hum, gostaria de ter um desses”, disse ao avaliar o [bumbum] de Bombom. “Hum, gostaria de ter um par desses”, retribuiu a entrevistada apertando o **bi-bi** de Carolyne. (*Gente Boa*, 24 de setembro de 2005.)

Obs.: Associação entre a palavra onomatopéica “bibi” (= fonfom, buzina) na referência aos seios. O “encadeamento” metafórico se dá pela idéia do verbo apertar.

biscatona sf

NS

Alguém que consegue algum tipo de progresso social.

“Quer ser da sociedade, uma **biscatona**”, explicava Deborah Bloch, que vai interpretar a corista Dora Amar na segunda fase da minissérie. (*Gente Boa*, 5 de janeiro de 2006.)

blog sm

NL

Espécie de diário veiculado em páginas da internet, em que se pode anexar fotos e relatar fatos vividos.

De Luana Piovani explicando em seu **blog** por que preferiu assistir ao desfile da Daspu a ver Gisele Bündchen na passarela da Colcci, na última Fashion Rio. (*Gente Boa*, 18 de janeiro de 2006.)

Cesar Maia tomou gosto pela coisa e, no fim do mês, começa a escrever em outro **blog**, o “Rio 40 graus”. “Este **blog** não será meu, no sentido de que não o coordenei. Serei apenas um colaborador”, explica o prefeito. (*Gente Boa*, 4 de outubro de 2005.)

O prefeito não quer saber do meu poste, só do seu **blog**, reclama João. (*Gente Boa*, 30 de agosto de 2005.)

Obs.: A grafia de blog vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical. Trata-se da abreviação de “*weblog* → web + log, termo da informática que significa diário virtual. O neologismo é resultante da influência da linguagem da internet.

blogueiro sm

NL

Participante assíduo de um blog (q.v.).

José Dirceu se inscreveu para receber o e-mail diário com o conteúdo do site do prefeito-**blogueiro** ou vice-versa, César Maia. (*Gente Boa*, 6 de setembro de 2005.)

Obs.: Derivado sufixal, formado a partir de outro vocábulo neológico, blog (q.v.)

bombar vi

NL

Fazer sucesso; ser popular.

Quase todos estavam vestidos de caipira, mas quem quisesse adquirir na hora alguma lembrancinha hare-hare, havia uma lojinha específica. E ela **bombava**. (*Gente Boa*, 17 de julho de 2006.)

Há também produtos sazonais que **bombam**, como chocolate em formato fálico, que vendeu horrores na Páscoa. (*Gente Boa*, 24 de abril de 2006.)

“Tivemos um número recorde de confirmações, o que me deixou impressionado. Mas esse ano tem o circuito Angra, que está **bombando**”, explicava Bruno. (*Gente Boa*, 2 de janeiro de 2006.)

Obs.: Formação metafórica a partir de bomba.

branco-Omo-Progress a

NL

Excessivamente branco, bonito.

Deu um “oi” meio de longe e foi correspondida. Danielle, acompanhada do marido Cássio Reis, abriu um sorriso **branco-Omo-Progress** e lhe assinou uma folha de papel. (*Gente Boa*, 27 de setembro de 2006.)

Obs.: “Omo” é uma conceituada marca de sabão em pó, característica pela sua lavagem mais branca. Há ainda subtipos dessa marca, dentre eles, destacam-se: “Omo Progress”, “Omo Confort”, “Omo Cores”. Evidentemente, o “Omo Progress” é o destinado à lavagem de roupas brancas.

bráulio sm

NS

Pênis; órgão sexual masculino.

Na última reunião para definir os detalhes da próxima campanha pelo uso da camisinha no Carnaval, o Ministério da Saúde decidiu ressuscitar o “**Bráulio**”, personagem da campanha mais polêmica e marcante pelo sexo seguro, que foi ao ar em 1995. “**Bráulio**” era como a campanha chamava o, digamos, pênis. A idéia foi rechaçada pelas ONGs ligadas ao combate à AIDS. (*Gente Boa*, 16 de janeiro de 2006.)

Obs.: Esse neologismo foi formado na década de 90, quando usado por uma campanha do Ministério da Saúde a favor do uso da camisinha. Nela, o pênis era chamado explicitamente de Bráulio. Eponímia.

brinquedinho sm

NS

Vibrador; objeto utilizado na masturbação feminina.

Há uma certa etiqueta a ser adotada nas sex shops chiques. Na Casa das Meninas, por exemplo, vibrador é palavra feia. “A gente chama de **brinquedinho**”, diz Nien. (*Gente Boa*, 24 de abril de 2006.)

Obs.: A carga metafórica do substantivo só se dá com o uso do sufixo diminutivo. O uso do substantivo no diminutivo está associado ao fato de a realização do ato sexual ser chamada, eufemicamente, de “brincar”.

bundalelê sm

NL

Um misto de acontecimentos em que pode acontecer qualquer coisa.

“O rock nacional é feito com inteligência, com o coração e com atitude. Aqui não tem lixos como egüinha pocotó ou essas festas com **bundalelê**”, anunciou, antes de tocar “Tédio”. Foi ovacionado. (*Gente Boa*, 4 de outubro de 2005.)

Obs.: Encontra-se dicionarizado o substantivo “lelê” como “falta de entendimento, desordem, confusão, rolo” (regionalismo de Minas Gerais, uso informal) (Houaiss).

busum sm

NL

Ônibus.

Busum lotado

João Gordo manda recado para o presidente Lula na música “Quem te viu...” do novo CD, dia 15 nas lojas, do Rato do Porão: “Lembra do torno mecânico/ Lembra do **busum** lotado/ Agora é fácil esquecer”. (*Gente Boa*, 7 de maio de 2006.)

Obs.: Associação à onomatopéia produzida pelo som do motor do ônibus e também a *bus*, ônibus em inglês.

cachacista s2g

NL

Aquele que é conhecedor e apreciador de cachaças.

Cachacistas e militantes

Escritores se encantam com a caninha brasileira no segundo dia da Festa Literária. (*Gente Boa*, 12 de agosto de 2006.)

Obs.: Desbloqueio estilístico em oposição à forma “cachaceiro”, com acepção diferente desta.

cachorra sf

NS

Mulher atraente e sensual.

Para se tornar a **cachorra** carioca, a produção separou calça da Gang, aquela que deixa buzanfã e até o Sri Lanka em pé. (*Gente Boa*, 11 de outubro de 2005.)

Zezé Di Camargo e Guilhermina Guinle faziam coro de mãozinha no joelho “só as **cachorras!** Uh! Uh! Uh! As preparadas! Uh! Uh! Uh!” (*Gente Boa*, 30 de setembro de 2005.)

Patricinha **cachorra**

Paris Hilton, a patricinha-mor que o namorado filmou fazendo sexo e distribuiu pelo mundo, virou **cachorra** de vez. Faz amanhã ensaio de moda em clima de funk carioca para a “Vogue RG”, com o DJ Malboro. (*Gente Boa*, 14 de setembro de 2005.)

Mas os brindes mais aguardados da noite eram as calcinhas string coloridas, estilo **cachorra**. (*Gente Boa*, 17 de maio de 2006.)

Obs.: A forma masculina desse substantivo, dicionarizada, tem acepção diferente da feminina, significando “menino travesso, irrequieto, cachorrão” (Houaiss).

cadeirante s2g

NL

Deficiente físico que se utiliza de cadeira de rodas para ter locomoção.

O Parque do Cantagalo, na Lagoa, está finalizando as obras que o tornarão o primeiro do Rio a contar com equipamentos especiais para portadores de deficiências. Um deles, por exemplo, é um balanço adaptado para permitir que se encaixe a cadeira de rodas. Outro é um escorrega especial para ser usados pelos **cadeirantes**. (*Gente Boa*, 19 de julho de 2006.)

cafa s2g

NL

Abreviação de cafajeste.

Para sempre **cafa**

Ex-cafajeste e atualmente devotíssimo pastor evangélico Jessé Valadão aparece hoje no programa “Sob nova direção” interpretando um pai de um rapaz gay que tenta, a todo o custo, esconder sua homossexualidade. (*Gente Boa*, 28 de maio de 2006.)

caliente a

NL

Caloroso, quente.

O rapaz, que uma semana atrás desfilava ao lado da atriz no mesmo MAM, na festa do Prêmio Multishow, passou a noite trocando beijos **calientes** com a amiga Julia Sândi. (*Gente Boa*, 18 de julho de 2005.)

Obs.: A grafia de *caliente* vem diretamente do espanhol, configurando-se em empréstimo lexical.

camilinha sf

NS

Menina que cuida do visual, sem exageros.

Patricinha e camilinha – gíria paulistana para uma versão mais light das patricinhas que não pegou aqui.- são passado. (*Gente Boa*, 17 de julho de 2006.)

Obs.: O termo “patricinha” já está dicionarizado, significando “jovem do sexo feminino que se veste com apuro, especialmente preocupada com a elegância e que geralmente frequenta lugares da moda”. (Houaiss).

camisa-convite sf

NL

Camisetas que possibilitam a entrada de convidados vips em eventos como shows, desfiles e outras festas.

A volta do curralzinho vip
Começou a temporada de fotos dos famosos com a mesma
camisa-convite. (*Gente Boa*, 6 de dezembro de 2005.)

canequete sf

NL

Mulheres que trabalham no Canecão (famosa casa noturna do Rio), fotografando famosos e anônimos para vender as fotos que tiram.

As ‘**canequetes**’
Para onde vão as fotos que elas tiram e ninguém compra nos shows do Canecão? (...) As fotos que os anônimos não compram vão para o lixo. Se for de algum famoso, geralmente as **canequetes** guardam de recordação. (*Gente Boa*, 3 de outubro de 2004.)

carioquês sm

NL

Estilo de falar característico dos cariocas.

Uma certa “Coroa de academia” dizia fazer “pompuá”, um **carioquês** safado para o chique “pompoir” francês. (*Gente Boa*, 20 de novembro de 2005.)

Dylon quase precisou de um intérprete para que o seu **carioquês** fosse entendido pelos paulistanos. (*Gente Boa*, 1 de setembro de 2005.)

Obs.: O sufixo “-ês”, formador de adjetivos e substantivos gentílicos, possui grande produtividade lexical também para formar substantivos e adjetivos que nomeiam as variações dialetais.

carná bola

NLoc

As festas de carnaval em ano de Copa do Mundo.

Carná bola

Ano de Copa do Mundo tudo acaba em futebol, até mesmo o camarote Expresso 2222 de Gilberto Gil no carnaval de Salvador. (*Gente Boa*, 26 de fevereiro de 2006.)

Cássia Kiss a

NS

Pessoa vegetariana; quem se alimenta apenas de vegetais.

Diálogo sábado, na praia da Farne. “Amanhã é aniversário da minha mãe. Queria muito levar ela numa churrascaria”, dizia o rapaz de sunga. “Por que não leva?”, perguntou o amigo. “Não dá. Ela é totalmente **Cássia Kiss**.” Decifrando: mamãe é natureba, vegetariana de carteirinha. (*Gente Boa*, 28 de março de 2006.)

Cássia Kiss total

Jack Johnson, o cantor-surfista-ecologicamente-correto-que-só-canta-descalço, fez poucas e engajadas exigências para o camarim do show, no próximo dia 8. Quer latas de lixo separadas para reciclagem de vidro, plástico e alumínio, frutas e vegetais orgânicos, sucos e água em temperatura ambiente e leite de soja. Nada de carne. (*Gente Boa*, 30 de março de 2006.)

Obs.: Formação por eponímia: Cássia Kiss é o nome de atriz de sucesso na tevê brasileira a partir dos anos 90, conhecida por sua alimentação saudável e balanceada, sem o consumo de carnes de quaisquer espécies.

cattering sm

NL

Lanche que é servido nos bastidores de shows, desfiles, eventos em geral.

“A modelo que mais come é aquela ruivinha”, dizia a responsável pelo **cattering**, ou seja, o lanche do *backstage*. (*Gente Boa*, 14 de janeiro de 2006.)

Obs.: A grafia de *cattering* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical. Neologismo diastrático, oriundo do vocabulário do mundo da moda.

caveirão sm

NL

Carro-blindado do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar.

“O **caveirão** é o símbolo maior das falhas da política de segurança do Rio.”, diz o manifesto da Anistia. (*Gente Boa*, 15 de março de 2006.)

Obs.: Associação com caveira, pela função que exerce.

chapinha sf

NS

Técnica utilizada para alisar cabelos; alisante de cabelos.

Um salão de beleza de Botafogo está oferecendo às suas clientes o serviço da **chapinha** pubiana. Trata-se do alisamento capilar, que já é notório na parte de cima, agora aplicado abaixo da linha do Equador. Tem sido um sucesso. (*Gente Boa*, 13 de janeiro de 2006.)

Obs.: A carga metafórica está associada ao sufixo diminutivo.

chatubar vtd

NL

Ato de esculhambar, avacalhar.

Ensinava, por exemplo, que a gíria “chatuba” significa “o ato de esculhambar, avacalhar”. Exemplo: “Eu vou **chatubar** esse Enecom!”. Hein? (*Gente Boa*, 2 de janeiro de 2006)

coelhinha sf

NS

Modelo fotográfico da revista masculina Playboy.

A “Playboy”, que nunca anunciou na televisão, resolveu aproveitar o clima quente, digamos assim, de “Páginas da Vida” e, a partir da semana que vem, fará inserções comerciais nos intervalos da novela. Mostrará algumas das imagens de Flávia Alessandra, a **coelhinha** da vez. (*Gente Boa*, 3 de agosto de 2006.)

Da longa lista de ex-**coelhinhas** da revista, apenas Cristina Mortágua, Viviane Araújo, Terezinha Sodré, Magda Cotrofe, Monique Evans e Tássia Camargo foram prestigiar a festa que comemorou o aniversário. (*Gente Boa*, 5 de agosto de 2006.)

Obs.: Associação à beleza do animal.

comer solto

NLoc

Acontecer muito intensamente; rolar.

Os internos do Hospital Universitário Pedro Ernesto não dormiram na madrugada de sábado para domingo. Um sambão **comeu solto** nas dependências da instituição até as 4h. No domingo, foram informados de que se tratava de um pagode, a psicoterapia dos funcionários. (*Gente Boa*, 15 de agosto de 2006.)

copiável a

NL

O que se pode fazer cópia.

O novo CD de Chico Buarque será **copiável** para o iPod.
(*Gente Boa*, 17 de abril de 2006.)

curral sm

NS

Área reservada para pessoas importantes em eventos sociais.

No **curral** dos vips comuns, Preta Gil, de conjuntinho prateado, apresentava o novo namorado, o hipertímido Fernando Sugueno. (*Gente Boa*, 7 de outubro de 2004.)

Curral vip

O Maracanã se rendeu à multiplicação de espaços VIP. Um grupo de empresários lançou o Golden Box, um camarote que, por módicos R\$ 200, oferece aos arquibaldos de luxo transporte até o estádio, telões de plasma, serviços de buffet, bebidas e até banheiros limpos. (*Gente Boa*, 5 de setembro de 2006.)

Obs.: A metáfora se vale da relação com o lugar em que se recolhe e junta o gado.

- curralzinho (v. curral)

A volta do **curralzinho** vip

Começou a temporada de fotos dos famosos com a mesma camisa-convite. (...) No **curralzinho**, eis que chega Juliana Paes, a garota-propaganda da Antartica, que vai logo pegando a sua Nova Schin, patrocinadora da festa e a única disponível. (*Gente Boa*, 6 de dezembro de 2005.)

Desta vez, além do “camarote vip para as celebridades”, houve uma novidade no mundo dos **curraizinhos**. (*Gente Boa*, 10 de abril de 2006.)

- **curralzão** (v. curral)

Deborah Secco perambulava pelo **curralzão** (enorme, ocupou todo o lado esquerdo da arquibancada mais próxima do palco) protegida por um segurança. (*Gente Boa*, 10 de abril de 2006.)

da hora **loc adj**

NLoc

Moderno, da moda.

O bicho **da hora**

A Saara, a área de comércio barato do Centro, está cercada de sapos por todos os lados. Não tem explicação. É sapo de brinquedo, de plástico, de metal, para decoração. (*Gente Boa*, 25 de setembro de 2005.)

Profissional **da hora**

Surge uma nova profissão: o personal iPod. Contrata-se im DJ para reunir no aparelho as canções preferidas dos clientes. (*Gente Boa*, 21 de maio de 2005.)

dar um Kadu

NLoc

Marido dar um soco no olho da mulher.

Ouvido, anteontem à noite numa mesa do Baixo Gávea; “Ô Inês, é melhor você fechar logo essa boca senão vou te **dar um Kadu**.” (*Gente Boa*, 19 de março de 2006.)

Obs.: Formação por eponímia. A expressão faz referência ao ator Kadu Moliterno, que agrediu a esposa, dando-lhe um soco no olho, fato que teve repercussão nacional.

dasluzete sf

NL

Mulher adepta e compradora da grife Daslu.

Marcos Mion, ex de Preta, reaparecia na MTV incrivelmente bronzeado. “Não é bronzeamento artificial”, assegurava ele. “Foi o sol da Europa”, tirava onda, abraçado à atual namorada, a **dasluzete** Suzana Gullo. (*Gente Boa*, 7 de outubro de 2004.)

O sobe-e-desce do ranking da semana. Corridas pela Polícia Federal, saem de cena as **dasluzete**, as endinheiradas paulistanas da Villa Daslu. (*Gente Boa*, 24 de julho de 2005.)

dasputete sf

NL

Moças da grife Daspu, ONG de prostitutas.

Elas já enfrentaram Gisele Bündchen e hoje concorrem com Gal Costa. As moças da Daspu, o braço fashion da ONG de prostitutas Davida, cantam às 19h na Praça Tiradentes. O repertório das **dasputetes**, como elas são chamadas, inclui “Foi um rio que passou em minha vida”, “Emoções” e “Brigas”, de Altamar Dutra. (*Gente Boa*, 31 de março de 2006.)

Obs.: No ano de 2006, prostitutas do Rio de Janeiro criaram uma grife com o nome de Daspu, proporcionando uma analogia fonética com a grife paulistana Daslu.

delegata sf

NL

Delegada bonita.

Quando Fernanda Torres leu um trecho que conta que a delegada Marlene era mais conhecida como **delegata**, Monique deu um risinho, do tipo eu-sei-de-quem-você-está-falando. (*Gente Boa*, 6 de outubro de 2004.)

Adriane Galisteu deve viver a **delegata** Marlene Machado. (*Gente Boa*, 31 de julho de 2005.)

Obs.: Amálgama entre delegada e gata.

deprê a

NL

Abreviação de deprimido.

“A situação lá tá ‘punk’. A violência lá agora tá muito pior do que no Rio”, dizia Flávia Alessandra. Paola Oliveira, a Giovanna de “Belíssima”, também estava **deprê**. (*Gente Boa*, 17 de maio de 2006.)

despeitada sf

NS

Aquela mulher que não possui peitos; não tem seios.

“Eu sou uma **despeitada** feliz”, ouvia-se da voz rouca de Carolina Ferraz, ao ser perguntada se colocaria silicone nos seios. (*Gente Boa*, 31 de outubro de 2005.)

Adriane Galisteu, na capa da “Vip” de julho: “Parece que silicone está sendo vendido em bacias na feira. Tenho nervoso. Sou **despeitada** feliz.” (*Gente Boa*, 25 de junho de 2006.)

Obs.: O registro de despeitado(a) é em relação “àquele que sente ou demonstra despeito. (Houaiss)

dimenor a

NL

Menor de idade; tem menos de 18 anos.

Por R\$ 300, ganhava-se o direito a banheiros limpos, um pouco mais de conforto e a não se misturar com o povão da pista. Entre os vips famosos havia muito **dimenor** e a solução para que nenhum deles se engraçasse e pedisse uma bebida alcoólica no bar foi uma pulserinha colocada no pulso dos mais velhos. (*Gente Boa*, 10 de abril de 2006.)

Obs.: Adjetivo formado a partir da locução “de menor”, com adaptação ortográfica da preposição. Neologismo diastrático, oriundo do vocabulário de marginais.

drag-repórter s2g

NL

Repórter do sexo masculino que se veste de mulher para trabalhar; travesti que é repórter.

Clodovil não será a única opção da turma GLS de São Paulo. As drag queens Salete Campari e Léo Áquila se lançaram candidatas a deputado federal. Áquila, **drag-repórter** da Rede TV, já tem seu slogan: “Se joga, pintosa, veste rosa!”. (*Gente Boa*, 14 de julho de 2006.)

Obs.: A grafia de *drag* vem diretamente do inglês, pela redução de *drag-queen*, configurando-se em empréstimo lexical. Assim, o vocábulo apresenta uma composição híbrida (“drag”, vocábulo da língua inglesa que significa “transformista” + repórter).

dread sm

NL

Penteado afro no cabelo; cachos no cabelo afro.

O cara imitou meus **dreads**. Fui falar pra ele que era só ficar sem tomar banho que o cabelo ficava assim. (*Gente Boa*, 21 de julho de 2006.)

“Esse cabelo não dá trabalho. É ótimo. Acordou, ta pronto. Depois quero fazer tranças mais grossas para parecer **dread**”. (*Gente Boa*, 29 de setembro de 2005.)

Obs.: A grafia de *dread* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

dress code

NLoc

Uma espécie de código representado através das vestimentas daqueles que o dominam.

A banda de Ipanema vai reeditar este ano o mergulho à fantasia, democrática comemoração de rua do Carnaval carioca, muito comum décadas atrás. Mas há um **dress code**: só mergulha e vai atrás do bloco quem estiver com fantasia de papel crepom em vermelho e amarelo, as cores da Banda. (*Gente Boa*, 7 de janeiro de 2006.)

Obs.: A grafia de *dess code* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

esbarrashopping sm

NL

Centro de compras em que as pessoas se esbarram com frequência, devido à grande quantidade de transeuntes.

As ruas do Saara têm andado tão cheias nessa véspera de Natal que ganharam um apelido dos comerciantes da área: **esbarrashopping**. (*Gente Boa*, 21 de dezembro de 2005.)

Obs.: Formação híbrida de “esbarra” e “shopping”.

escarapanchado a

NL

Deitado confortavelmente, jogado em cima de alguma coisa.

Um repertório generoso de sucessos de axé music a toda altura davam o toque de “brasilidade” à área da piscina, que àquela hora tinha Luiza Brunet e Vanessa de Oliveira **escarapanchadas** em espreguiçadeiras. (*Gente Boa*, 4 de julho de 2005.)

estar bege

NLoc

Estar surpreso com algum acontecimento.

O canal gay “For man” fez uma pesquisa sobre o vocabulário usado pela turma GLS. Constatou, por exemplo, que expressões como “arrasar”, “bofe” e “babado” caíram definitivamente no uso popular. Por outro lado, “**to bege**”(surpreso), “rasgado” (musculoso), “ficar pink” (com vergonha) e “HT” (heterossexual) continuam restritas ao universo gay. (*Gente Boa*, 16 de julho de 2006.)

estar podendo

NLoc

Estar bem cotado; ter boa fama.

Ivete estava generosa e também comprou uma participação no próximo filme de Andrucha Waddington. Quarenta mil, “Ah, ela é o maior cachê da MPB, **tá podendo**”, brinco Hebe. (*Gente Boa*, 13 de agosto de 2006.)

ex-Big Brother

NLoc

Pessoa que participou de um *reality show* (q.v.) com o nome de Big Brother.

O camarim, predominantemente masculino, estava uma festa. Só o **ex-Big Brother** Alan é que estava deslocado. Todo jururu no seu cantinho. (*Gente Boa*, 14 de janeiro de 2006.)

A **ex-Big Brother** Pink, que no vídeo é só elogios, foi barrada no baile. Ela esperou meia hora por um convite e acabou indo embora de mãos abanando. (*Gente Boa*, 21 de julho de 2006.)

A **ex-Big Brother** Marielza de Souza, que foi substituída na última edição do programa após sofrer um derrame, não desistiu de seus 15 minutos de fama. (*Gente Boa*, 22 de agosto de 2006.)

A **ex-Big Brother** Grazielli era sincera. “Eu nunca tinha ouvido falar dessa banda, vim por causa do Alan. Nem achei que eles iam conseguir lotar isso aqui”, contava. (*Gente Boa*, 6 de dezembro de 2005.)

Placa colocada na porta do sebo Le Bom Sebon, numa galeria do Leblon: “É proibida a entrada de **ex-Big Brother**. (*Gente Boa*, 12 de março de 2006.)

Obs.: Big Brother é o título de uma programa de prêmios da televisão cujos participantes são monitorados por câmeras durante as 24 horas do dia.

faixa de gaza

NLoc

Lugar conturbado, perigoso; área de conflitos.

O filme mostra o trabalho do diretor que montou ano passado “Antônio e Cleópatra”, de Shakespeare, na **faixa de gaza**, a conturbada área que separa as comunidades de Vigário Geral e Parada de Lucas. (*Gente Boa*, 12 de setembro de 2005.)

Se bem que as mulheres casadas vivem num campo minado, numa espécie de **faixa de gaza**. É mulher solteira pipocando pra tudo que é lado. (*Gente Boa*, 27 de agosto de 2005.)

Faixa de Gaza

Na praça do Lido, alguns metros depois do Amir, o melhor restaurante árabe da cidade, acaba de ser inaugurado o Narguila Café, dedicado às delícias da culinária judaica. (*Gente Boa*, 16 de fevereiro de 2006.)

Obs.: A analogia metafórica é em relação à região de conflito localizada no Oriente Médio, limitada a norte e a leste por Israel e a sul pelo Egito. Nota-se a passagem do substantivo próprio a comum pelo uso.

faltar agenda

NLoc

Não ter tempo.

Ele e Bruno Chateabriand tentaram trazê-la para cantar no festão que fizeram para comemorar seus 30 anos, no ano passado. Mas **faltou agenda**. (*Gente Boa*, 2 de junho de 2006.)

fast-food s2g

NL

Refeição feita de forma rápida, geralmente composta por sanduíches e outros lanches.

Adora tirinhas crocantes de frango e pela dedicação vai ganhar um ano de **fast-food** de graça. (*Gente Boa*, 1 de outubro de 2004.)

Obs.: A grafia de *fast-food* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

favelofobia sf

NL

Medo do crescimento das favelas.

Moradora do Rio, Carolina se mostrou preocupada com mais um episódio de violência na Rocinha. “Mas o que não pode rolar é essa **favelofobia**, porque na favela tem muita gente legal. O problema são os bandidos e o tráfego...” Pano rápido. (*Gente Boa*, 31 de outubro de 2005.)

fechar junto

NLoc

Chegar a um acordo; entrar em consenso.

“Isso é errado com os caras. Eu pensei que seria todo mundo igual. Mas uns tão ganhando e outros não. O problema é que os caras não fecham junto. Se não, a gente ia lá no Marcelo e falava, ‘Qual é?’”, reclamava um modelo-músico. (*Gente Boa*, 5 de agosto de 2005.)

ferveção sf

NL

Agito, animação.

“Não existe carioca que não se sinta vip. Quer ficar isolado e comer de graça. E é o pior lugar da festa porque a **ferveção** acontece sempre fora da área vip”, dizia o produtor, ator e empresário. (*Gente Boa*, 27 de novembro de 2006.)

Obs.: Substantivo formado por derivação sufixal do verbo “ferver” que, em sentido figurado, está registrado como “agitar-se, excitar-se, animar-se”. (Houaiss)

ficar pink

NLoc

Envergonhar-se.

O canal gay “For man” fez uma pesquisa sobre o vocabulário usado pela turma GLS. Constatou, por exemplo, que expressões como “arrasar”, “bofe” e “babado” caíram definitivamente no uso popular. Por outro lado, “to bege”(surpreso), “rasgado” (musculoso), “**ficar pink**” (com vergonha) e “HT” (heterossexual) continuam restritas ao universo gay. (*Gente Boa*, 16 de julho de 2006.)

Obs.: A grafia de *pink* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

ficante s2g

NL

A pessoa com a qual se fica.

Bruno Gagliasso foi o mais perseguido pelos fotógrafos. Ao se aproximar da mesa onde estava Eron Cordeiro, o par de Júnior na novela, ouviu o coro: “Beija! Beija!”. Chegou perto da **ficante**, Camila Rodrigues, a Mari, e continuou ouvindo o mesmo pedido. (*Gente Boa*, 3 de novembro de 2006.)

O peão de ‘América’ encontra sua **ficante**. (*Gente Boa*, 27 de julho de 2005.)

Obs.: O significado do verbo “ficar” como “namorar sem compromisso durante um curto espaço de tempo” (AEXXI) serve de base para a formação do derivado neológico “ficante”.

foda a

NS

Muito bom, excepcional.

Cauã Reymond, sem camisa, era jogado para o alto pelos amigos. Rodrigo Santoro gritava “uhuuu” e tocava a tal guitarra imaginária. “O cara é **foda**”, dizia, empolgado, para Ellen Jabour. (*Gente Boa*, 6 de dezembro de 2005.)

Obs.: O termo é empregado positivamente, como hiperbolizante, no sentido de algo realmente bom.

fred sm

NS

Assalto.

Indignado com o assalto ao seu amigo Frederico D’Orey, o também estilista Carlos Tufvesson vai lançar uma camiseta com os dizeres: “Rolou um **Fred** comigo também.” (*Gente Boa*, 18 de agosto de 2006.)

Obs.: Formação eponímica a partir do apelido de Frederico O’Orey.

frente-única sf

NL

Peça do vestuário feminino que deixa à mostra as costas da mulher; blusa que possui apenas frente.

Apesar de não mudar de roupa em cena, Marisa tem sete opções de figurino. Sete variações de um mesmo tema, digamos assim: saia longa e **frente-única** preta. (*Gente Boa*, 24 de julho de 2006.)

funkeada a

NL

Tocada em ritmo de funk.

O DJ Malboro recebe dia 2 de agosto a Medalha Pedro Ernesto, na Câmara dos Vereadores, e não pretende deixar barato. Está preparando uma versão **funkeada** do Hino Nacional para o momento de botar a medalha de suas excelências no peito. (*Gente Boa*, 18 de julho de 2005.)

Obs.: O adjetivo “funkeada” é formado por derivação sufixal, a partir do substantivo “funk”, “tipo de música americana de origem negra, com ritmos sincopados e compassos binários”. (Houaiss)

funkeira sf

NL

Cantora de funk.

Não convidem para a mesma mesa a cantora Tati Quebra-Barraco e os produtores do Cabaré do riocenacontemporânea. O bolo da **funkeira** na festa de terça-feira teve motivo financeiro. (*Gente Boa*, 15 de outubro de 2005.)

Obs.: O substantivo “funkeira” é formado por derivação sufixal, a partir do substantivo “funk”, “tipo de música americana de origem negra, com ritmos sincopados e compassos binários”. (Houaiss)

futebolês sm

NL

A linguagem utilizada no futebol.

Ronaldinho Gaúcho será estrela de um filme que a Fundação Roberto Marinho produz para o Museu da Língua Portuguesa. O craque traduz com a bola nos pés expressões do **futebolês** como “drible de vaca” e o chute lá “onde a coruja dorme”. (*Gente Boa*, 14 de outubro de 2005.)

Obs.: O sufixo “-ês”, formador de adjetivos e substantivos gentílicos, possui grande produtividade lexical também para formar substantivos e adjetivos que nomeiam dialetos socioculturais.

gargarejo sm

NS

Parte da frente de um auditório.

Na fila do **gargarejo** algumas pessoas levantaram camisetas com fotos e desenhos de Cazuza sob gritos e aplausos.

(...)

A platéia era composta basicamente por adolescentes, mas a mesa de vip do **gargarejo** trazia o papai Luciano e a mamãe Angélica. (*Gente Boa*, 22 de agosto de 2005.)

Preta Gil, na tal mesa vip na fila do **gargarejo**, foi subitamente interrompida por um fotógrafo que, plaft”, deu com a câmera na sua cabeça. (*Gente Boa*, 16 de agosto de 2005.)

Obs.: O significado metafórico do substantivo “gargarejo” está associado à posição em que se fica ao “gargarejar”.

gerundês sm

NL

Vocabulário característico dos operadores de telemarketing; gerundismo.

A Vivo também acredita, como o **gerundês** do telemarketing, que quanto mais letras e palavras, melhor o texto. Não é. A operadora de celulares trocou a mensagem da secretária eletrônica da semana passada. (*Gente Boa*, 4 setembro de 2005.)

Quais países da América do Sul não têm ligação com o mar? Ninguém, sequer o vencedor Fábio, que fala o **gerundês** do “eu vou estar enviando”, soube responder a nenhuma delas. Não precisa. Esse negócio de cultura paga muito mal. (*Gente Boa*, 3 de setembro de 2005.)

Obs.: O sufixo “-ês”, formador de adjetivos e substantivos gentílicos, possui grande produtividade lexical também para formar substantivos e adjetivos que nomeiam as variações lingüísticas.

GLBT a

NL

Sigla para Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros.

O Rio tem pelo menos um candidato assumidamente gay para as eleições de outubro: o ex-prefeito de Paraty José Cláudio de Araújo, o primeiro alcaide do país a assumir sua homossexualidade. Nos panfletos da campanha, além de mensagens a favor da comunidade **GLBT**, Araújo aparece mordiscando o cabo de uma rosa. Seu número? 1524. (*Gente Boa*, 18 de agosto de 2006.)

Liberdade **GLBT**

Cabo Frio será palco de uma parada gay no domingo, a CaboFree. Ano passado, um grupo de homofóbicos distribuiu folhetos e ameaçou os participantes. (*Gente Boa*, 9 de setembro de 2005.)

go-go boy

NLoc

Dançarino de boates gays; homem que dança em eventos e casas noturnas voltadas para o público GLBT (q.v.).

A mais completa tradução da Parada do Orgulho Gay, que percorreu Copacabana no domingo, era o carro da boate GLS paulistana The Week. Repleto de **go-go boys**, fervia tanto, mas tanto, que, mesmo com a chuva forte que caía sobre a orla, os organizadores acharam melhor abrir o toldo para ver se esfriavam os ânimos da rapaziada. (*Gente Boa*, 1 de agosto de 2006.)

Os **go-go boys** da Lê Boy irão vestir fardas militares para comemorar, já amanhã, o Dia da Independência. (*Gente Boa*, 5 de setembro de 2005.)

Obs.: A grafia de go-go boy vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

heteropatrocínio sm

NL

Patrocínio de heterossexuais a eventos homossexuais.

Heteropatrocínio

Longe de crises, o mercado gay vem atraindo cada vez mais a atenção e o investimento de parceiros “caretas”. (*Gente Boa*, 1 de abril de 2006.)

hot-zone sf

NL

Zona quente; área de grande movimentação.

Luana Piovani e Rico Mansur chegaram no momento exato que o Franz Ferdinand subia ao palco e foram correndo para a **hot-zone**, uma área supervip localizada na fila do gargarejo e não falaram com ninguém.

(...)

“Do meu lado, acredita?!?!? Ela ficou o tempo todo na **hot-zone** na espera de uma nova deixa até que, cansada, foi buscar água no bar. (*Gente Boa*, 22 de fevereiro de 2006.)

Obs.: A grafia de hot-zone vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

humildificador sm

NL

Algo que possibilite as pessoas tornarem-se humildes.

Humildificador

Ao menos serviu de consolo para a turma que, na quinta-feira amargou quase três horas na fila para obter um visto no Consulado Americano, no Centro. Calça jeans, camiseta branca e óculos escuros, o galã Rodrigo Santoro esperava ali, pacientemente, sua vez. (*Gente Boa*, 12 de agosto de 2006.)

Obs.: Associação a “liquidificador” pela mexida das pessoas.

junkie food

NLoc

Comida pouco ou nada saudável.

A modelo estava com fome. “Quero **junkie food**”, pediu, assim que se sentou. Serviram-se imediatamente uma bandeja de pastéis e escondidinho de carne seca. (*Gente Boa*, 16 de janeiro de 2006.)

Obs.: A grafia de junkie-food vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

latin lover

NLoc

Amante latino; espécie de homem com alto poder de sedução.

“Ai, caramba”, assustou-se Carolina Ferraz, já saindo da mira da água, de mãos dadas com um moreno de terno branco e cabelos compridos, estilo **latin lover** com um quê de Sidney Magal, com quem trocou tórridos beijos na boca. (*Gente Boa*, 16 de janeiro de 2006.)

O ex-cafajeste Jece Valadão e o ex-**latin lover** Sidney Magal dão show na festa de lançamento de ‘Bang-Bang’. (*Gente Boa*, 27 de setembro de 2005.)

Obs.: A grafia de latin lover vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

levantar poeira

NLoc

Terminar, acabar.

Levantou poeira

Acabou o casamento de Ivete Sangalo e Davi Moraes. A decisão foi em comum acordo, sem maiores traumas. Ela continua morando em Salvador e ele optou pelo Rio. Os dois estavam juntos desde outubro de 2002. (*Gente Boa*, 30 de setembro de 2004.)

louco a

NS

Drogado, sob efeito de entorpecentes.

Pergunta que não quer calar na nova, e sempre necessitada de atualização, etiqueta dos tempos modernos: quem come pizza na Capriciosa ou ostras no Satyricon está incentivando o tráfico de internacional de drogas? Por sinal, agora se sabe por que a vaca estava **louca**: cocaína no bucho. (*Gente Boa*, 20 de setembro de 2005.)

lounge sm

NL

Espaço, em festas, que possui mobiliário para as pessoas, sentadas, conversarem; espaço entre amigos.

Hilde Silva chegou por volta de uma hora e ainda no túnel que levava os convidados ao **lounge** e à pista de dança, estacionou para pôr as fofocas em dia com Luana Carvalho, filha de Beth Carvalho e ex de Marcelo Farias. (*Gente Boa*, 18 de julho de 2005.)

Os espetáculos cenográficos que recepcionavam os convidados serão extintos, o que permitirá a ampliação da área dos **lounges**. (*Gente Boa*, 29 de julho de 2006.)

Que **lounge** que nada. Os organizadores da mostra “Morar mais – o chique que não cabe no bolso”, que começa dia 6 em São Conrado, proibiram o uso de palavras em inglês. **Lounge** será “espaço entre amigos”. (*Gente Boa*, 13 de agosto de 2005.)

Obs.: A grafia de *lounge* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

louruda sf

NL

Cerveja; loura.

Novas **lourudas**

O verão ainda não acabou e eis que, depois da escura, a light, da ruiva, o mundo da cerveja apresenta uma novidade de fim de estação. O restaurante australiano que abriu em Ipanema oferece cerveja com aroma de eucalipto e outra com aroma de café. (*Gente Boa*, 11 de março de 2006.)

Obs.: Desbloqueio estilístico da forma já existente “louraça”, que não se emprega em relação à cerveja, somente em relação a mulheres louras.

luxus sm

NL

Luxo.

A festa que foi um **luxus** só.

Elenco se reúne na Daslu de mentirinhas para o lançamento de “Cobras & Lagartos”. (*Gente Boa*, 25 de abril de 2006.)

Obs.: A grafia de *luxus* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical. É provável que o vocábulo neológico seja um latinismo que ingressou no português via língua inglesa.

magalvilhoso a

NL

Amálgama entre o substantivo Magal (Sidney Magal) e o adjetivo maravilhoso.

“É o rei!”, gritava uma voz masculina. Homens, aliás, deram mais gritinhos de empolgação naquela noite. Vozes grossas eram mais freqüentes. Iam do básico “lindo!” ao criático “**magalvilhoso**”, passando por “você pode tudo! Tudo!” (*Gente Boa*, 14 de novembro de 2005.)

Obs.: Sidney Magal é um excêntrico cantor e dançarino que é bastante imitado, principalmente em ambientes GLBT (q.v.).

mango sm

NS

Unidade monetária, reais.

Eram os bandidos errados. Já na quarta-feira, esquina de São José e Quitanda, os camelôs vendiam cópias de Steven Spielberg. Dez **mangos**. (*Gente Boa*, 2 de julho de 2005.)

meia dúzia de gatos-pingados

NLoc

Pouquíssimas pessoas ou coisas.

Vesgo e Sílvio, vestidos de zorro e caubói, atraíram a atenção só de **meia dúzia de gatos-pingados** na porta da festa. (*Gente Boa*, 27 de novembro de 2005.)

“Se você preferir freqüentar a Lagoa curtindo o ruído frenético dos carros e o estampido de fuzis e granadas”, diz o panfleto, “expresse também o seu ponto de vista juntando-se a **meia dúzia de gatos-pingados** que conseguiram a proibição com pressões e forças públicas”. (*Gente Boa*, 26 de julho de 2005.)

mendigada sf

NL

Aglomerção de mendigos.

Pouco antes do início da execução da música “Pompa e circunstância”, ouve-se o coro “Uh, cadê, a **mendigada**, sumiu!” vindo lá de fora. Era um protesto de estudantes da UFRJ, revoltados com a “maquiagem” que a prefeitura fez na praça em frente à igreja especialmente para o casamento de Rodrigo Maia. (*Gente Boa*, 4 de setembro de 2005.)

mensalinho sm

NL

Propina paga a parlamentares do Rio de Janeiro.

Há exatos 84 dias o MP convidou Roberto Jefferson a marcar dia e hora de seu depoimento no inquérito que apura o pagamento de propina a parlamentares do Rio, o “**mensalinho**”. Como deputado, Jefferson tem a prerrogativa de poder agendar seu comparecimento. (*Gente Boa*, 15 de setembro de 2005.)

Obs.: Vocábulo criado em comparação ao Mensalão (pagamento de propina a legisladores do governo).

metrossexual sm

NL

Muito preocupado com a aparência; vaidoso em excesso; está sempre ligado nas últimas tendências da moda.

O último grito no banheiros dos **metrossexuais** europeus é uma papel higiênico todo preto. O fabricante diz que a cor é elegante e “está sempre na moda”. Breve no Brasil

CPI **metrossexual**

(...) No mês passado, ACM Neto e Delcídio Amaral foram eleitos os parlamentares mais charmosos do Congresso pelo site gay Mix Brasil. (*Gente Boa*, 2 de setembro de 2005.)

Metrossexual todo mundo sabe, é o homem antenado com as últimas da moda e dos cuidados com a pele. Retrossexual é o contrário. É o cara que compra sempre o mesmo tipo de roupa e é capaz de tascar a mão no barbeiro se ele ameaçar lhe propor aparar a sobrancelha. (*Gente Boa*, 7 de agosto de 2005.)

motolô sm

NL

Moto que serve de suporte para uma banca de camelô.

Fernando A. P. Silva inaugura a seção feita pelo leitor, o *Gente Boa do Meu Bairro*, apresentando o **motolô**, que ele registrou na praça de Colubandê, em São Gonçalo. Fernando explica o sofisticado moto-camelô: “Um engenho de cana-de-açúcar (moenda) é montado na garupa da moto, acoplado à sua roda traseira. Com a moto parada, suas duas rodas ficam suspensas. Para moer a cana, é só dar partida no motor e engrenar. (*Gente Boa*, 22 de novembro de 2006.)

Obs.: Amálgama entre “moto” e “camelô”.

moto-táxi sm

NS

Motocicletas que fazem transporte de pessoas cobrando o valor da corrida em lugares nos quais os carros não conseguem trafegar.

Depois dos **moto-táxis**, chegarm ao Rio os táxi-bicicletas. O serviço pioneiro está rodando pela bulcólica Ilha de Paquetá. Funciona como uma bicicleta comum, com dois bancos atrás colocados lado a lado. A bandeirada começa em R\$ 5 e, a partir das 22h, passa para R\$ 8. (*Gente Boa*, 26 de agosto de 2006.)

muso sm

NL

Homem muito bonito, feminino de musa.

Muso revolucionário

Flávio Tavares, o jornalista que estava entre os 15 guerrilheiros trocados pelo embaixador americano Charles Elbrick, vai lançar livro com 40 fotos inéditas de Che Guevara. (*Gente Boa*, 10 de janeiro de 2006.)

O rapaz, eleito informalmente o **muso** da primeira noite do festival, esforçou-se para lembrar. “Ah, lembrei. Você amou aquele...’2 filhos de Francisco’!”. Pano rápido. (*Gente Boa*, 24 de setembro de 2005.)

na moral loc adv

NLoc

Sem pudor, como se nada estivesse acontecendo.

Christiane estava visualmente elegante num trench coat vermelho quando, **na moral**, passou à frente de gente como Marieta Severo, Marly Bueno e José Mayer. Sorriu ao lado de Maneco, pegou seu autógrafo e se mandou, lépida e fagueira. (*Gente Boa*, 27 de setembro de 2006.)

negrinhagem sf

NL

Postura de quem age como negro.

“Agora o negócio é a **negrinhagem**. Você não sabe o que é? Lá na Bahia é, tipo, sou negrinha. Vamos de Luís Caldas”, explicou Preta antes de cantar, sambar e rebolar ao lado de Lanlan o sucesso do baiano: “Assim já é demais / Eu não posso ficar sem a nega.” (*Gente Boa*, 21 de outubro de 2005.)

neguinho pron

NS

Alguém.

Neguinho é fogo

È impossível agradar a todos, ainda mais num festival de cinema. Terça-feira, no Odeon, depois de ser exibido o belo filmete promocional do Festival do Rio, em que Carlinhos de Jesus imita a coreografia de “Cantado na chuva”, alguém gritou lá e trás: “Fora Gene Kelly, viva ‘Rio 40 graus’.” Foi apaudisíssimo. (*Gente Boa*, 7 de outubro de 2005.)

Obs.: O vocábulo neológico “neguinho”, assim como as palavras “cara” e “pessoal”, passou pelo processo de gramaticalização como indefinido. Dessa forma, o substantivo, devido a um processo de conversão, passa a pronome indefinido, não havendo, portanto, marcas morfológicas para plural ou feminino, por exemplo.

nenê sm

NS

Depilação que extirpa todos os pêlos pubianos femininos.

A depilação que extirpa todos os pêlos pubianos femininos ganhou apelido nos institutos de beleza do Rio: “**nenê**”.
Por causa das bochechinhas.

(*Gente Boa*, 27 de novembro de 2005.)

Obs.: A depilação faz com que a pele fique lisinha como as bochechas de um nenê.

no after loc adv

NLoc

No dia seguinte.

Ele justificava que produziu com R\$ 120 mil. Foram 10 horas de música e pista de dança que só acabaram **no after**, às 11h da manhã de sábado, no Dama de Ferro. (*Gente Boa*, 27 de novembro de 2006.)

Obs.: A grafia de *no after* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

olhar 360

NLoc

Remexer os olhos em todas as direções.

O **olhar 360** de Regina Duarte
(...) “Qual olhar? Aquele?”, diz a atriz no estúdio, virando os olhinhos. “Isso, vamos chamá-lo de 360”, brinca Jayme. (*Gente Boa*, 24 de junho de 2006.)

Obs.: Destaca-se a crítica feita à Regina Duarte pelo seu desempenho na novela “Páginas da Vida”.

off-off a

NL

Barato, promocional.

Off-Off Rio
A equipe da TV belga que está fazendo um *reality show* no Rio (o lugar certo para um evento desses) descobriu dois hotéis **off-off**: um em pleno Pereirão, a comunidade de Laranjeiras, e outro no acesso do Morro da Babilônia, no Leme. (*Gente Boa*, 26 de agosto de 2006.)

Obs.: A grafia de *off-off* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

pagar cofrinho

NLoc

Deixar à mostra a região do cóccix.

Rafaela Mandelli, mulher de Marcelo Serrado, “**pagava cofrinho**”. Alessandra Negrini também; Ninguém estava nem aí. (*Gente Boa*, 6 de dezembro de 2005.)

Obs.: A carga metafórica do substantivo cofrinho só se manifesta na derivação com o sufixo diminutivo.

pancadão sm

NS

Música de grande sucesso, geralmente associada ao funk

O povo gostou. Mas se acabou mesmo de dançar na hora em que ele meteu o **pancadão** carioca, como aquele que diz “to ficando atoladinho, to ficando atoladinho”. Pode não parecer chique para alguns, nem sofisticado, talvez. Mas a paulistada também gosta. (*Gente Boa*, 31 de outubro de 2005.)

Obs.: O vocábulo só apresenta a acepção metafórica quando usado com o sufixo aumentativo.

partideiro sm

NL

Adepto; aquele que gosta de.

Os grandes **partideiros** do samba carioca foram ou são trabalhadores do Cais do Porto. (*Gente Boa*, 27 de julho de 2005.)

Obs.: Desbloqueio estilístico das formas já registradas “partidário” e “partidarista”.

peãozeada sf

NL

Trabalhadores braçais que precisam se alimentar bem por um preço barato.

Depois vai transformar um pé sujo que tem em Ipanema, o Lago Mar, na Vinícius, numa filial do Antonio's. “Mas não vou deixar de servir prato feito a R\$ 5,00 para a **peãozeada**”. Por dia, hoje, saem 300 PFs no pé sujo. (*Gente Boa*, 24 de novembro de 2006.)

Obs.: Alteração morfológica do sufixo –zada para –zeada.

pegadinha sf

NS

Armadilha; brincadeira; surpresa.

“Eu não sabia que haveria esse aplauso. Foi como uma **pegadinha** para mim. Viva o cinema brasileiro”, gritou três vezes sendo, logo em seguida, abraçado por Hugo Carvano. (*Gente Boa*, 3 de outubro de 2005.)

Obs.: O vocábulo só apresenta essa acepção metafórica quando usado com o sufixo diminutivo.

pegar vtd

NS

Ficar, ter um relacionamento relâmpago.

A expectativa era grande entre os jornalistas. O que será que Fernanda Lima fez, bebinha quando era adolescente, que a deixou tão marcada? “Tomei um pilequinho e fiquei com um cara, beijei muito ele, tinha tempo que eu estava afim. Mas quando abri os olhos, vi que tinha errado de cara. **Peguei** o amigo dele!” O povo ficou meio decepcionado, esperava coisa mais picante. “Ah, esse é o único mico publicável”, explicou Fernanda, que interpretará uma modelo barraqueira. (*Gente Boa*, 14 de novembro de 2006.)

Raica e seu empresário , Sérgio Mattos, foram dos poucos que tiveram autorização para entrar no espaço. “Você tá **pegando** o Ronaldinho?”, perguntou a modelo toda empolgada, assim que a morena entrou. (*Gente Boa*, 10 de janeiro de 2006.)

“Eu sou pobre classe A. Pra vir numa festa assim, me arrumo todo porque senão não **pego** ninguém”, explicava. (*Gente Boa*, 30 de setembro de 2005.)

A atriz, que certa vez, ao ser perguntada se gostava de surfar saiu-se com essa: “eu não **pego** onda, **pego** surfista”, era uma das mais empolgadas da área VIP. (*Gente Boa*, 10 de abril de 2006.)

pelamordedeus interj

NL

Contração de “pelo amor de Deus”.

O sotaque paulistano era carregado. “Meu, **pelamordedeus**, aqui fora não vende bebida. Te dou R\$ 200 se você pegar um uísque pra mim”, implorava um popular colado à grade que separava a entrada do gramado do Morumbi da área vip de Alexandre Accioly, anteontem à noite, em São Paulo, na primeira das duas apresentações do U2 n oBrasil. (*Gente Boa*, 22 de fevereiro de 2006.)

Obs.: Composição por aglutinação de “pelo+amor+de+Deus”, com a absorção do “o” de “pelo”.

pé-limpo sm

NL

Botequins que não têm aspecto de sujeira.

É ambicioso o projeto de expansão da rede Botequim Informal. Serão abertas filiais em Niterói, Botafogo e Jardim Botânico, transformando-os na segunda maior rede de botequins “**pé-limpo**” da cidade. A primeira é a Manuel & Joaquim. (*Gente Boa*, 29 de outubro de 2005.)

Obs.: Vocábulo criado em analogia ao “pé-sujo”, que significa “botequim de baixa categoria”. (Houaiss)

pet sf

NL

Abreviação de petshop; loja destinada a vender animais de estimação e artigos para esses animais.

O gato Zigfredo, que dá nome à grife, foi a estrela no encerramento do desfile, quando entrou no colo de sua dona na passarela improvisada na sala do anfitrião. Para ir à festa, Zig, como é chamado, tomou banho numa **pet**. (*Gente Boa*, 19 de agosto de 2005.)

Obs.: A grafia de pet vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

pimpão a

NL

Fofo, bonitinho.

“Você vai ver! Você me paga!”, dizia Isabeli beliscando a barriga de Henri. Que, por sua vez, sorria, todo **pimpão**. (*Gente Boa*, 31 de outubro de 2005.)

point sm

NL

Lugar agitado, badalado.

Depois da “Segunda sem lei” do Baixo Gávea, pintou a “Terça sem lei” em Laranjeiras. O novo **point** é em frente à esquina da Rua das Laranjeiras com General Gicério, onde uma bar oferece um chope grátis a cada consumido. (*Gente Boa*, 7 de janeiro de 2006.)

Há um novo **point** nas praias do Rio. O posto 9, invadido pela curiosidade dos turistas, foi abandonado pelos antenados, que primeiro o trocaram pela praia mais andiante, em frente à Joana Angélica. (*Gente Boa*, 14 de janeiro de 2006.)

O Leblon vai ter novo **point** de boa música. (*Gente Boa*, 15 de julho de 2005.)

“Estamos empolgados com o projeto”, diz Pedro Delamare, do Gula-Gula, que reservou os dois quiosques próximos da Constante Ramos, outro no Barril 1800, na Aníbal de Mendonça, na Carlos Góes, na José Linhares e no **point** do kite-surf, na Barra. (*Gente Boa*, 27 de julho de 2005.)

Obs.: A grafia de point vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

popozuda sf

NL

Mulher que tem as nádegas grandes; aquela que tem bunda volumosa.

Em frente a oDJ Malboro, Mariana Ximenes liberava o lado Raíssa e cantava dançando como **popozuda**. (*Gente Boa*, 30 de setembro de 2005.)

Obs.: Derivação da palavra neológica “popô”, que significa “nádegas” pelo emprego do sufixo –uda, denotando abundância. “Popô” é uma palavra onomatopaica, hipocorística, resultante de provável sonorização e desnasalização de “bumbum”.

popstar s2g

NL

Personalidade famosa; estrela.

White passara a manhã num passeio de barco pelas ilhas próximas. Lílian Ross também fez o mesmo programa. “Ela está encantada. Diz que nunca foi tão bem tratada como aqui. Está se sentindo uma **popstar**”, disse o estudante de marketing Gabriel Ramos Costa, responsável por acompanhar a jornalista em Paraty. (*Gente Boa*, 14 de agosto de 2006.)

Obs.: A grafia de popstar vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

praçarela sf

NL

Passarela com área de lazer, como em praças. Amálgama entre “praça” e “passarela”.

Os bairros Maracanã, Tijuca, Mangueira e São Cristóvão ganharão em breve oito **praçarelas**. Serão passarelas enormes, de até 100 metros de largura com área de lazer, praça de alimentação e lojas que serão vendidas para financiar o empreendimento. (*Gente Boa*, 6 de fevereiro de 2006.)

propina-transporteitor sm

NL

Espécie de máquina utilizada para fazer o transporte de propinas.

Corruptos, que não podem mais passar em paz com suas malas cheias de dinheiro pelo raio X dos aeroportos – seus problemas acabaram. As Organizações Tabajara estão lançando, no Cassetta&Planeta de terça-feira, o **propina-transporteitor**. (*Gente Boa*, 17 de julho de 2005.)

Obs.: Formação híbrida a partir dos vocábulos “propina” e “transporteitor”, equivalente ao anglicismo *transportator* (que transporta). Houve um neologismo por empréstimo estrutural, adaptado fonologicamente.

pulseirinha-convite sf

NL

Espécie de tira adesiva que se usa no pulso para indicar que se foi convidado para determinado evento.

Enquanto isso, no banheiro feminino, a **pulseirinha-convite** para o main stage era passada de um pulso para o outro, com a ajuda de uma tesourinha e um tubinho de superbonder. (*Gente Boa*, 25 de outubro de 2005.)

qual é loc interj

NLoc

Saudação.

“Isso é errado com os caras. Eu pensei que seria todo mundo igual. Mas uns tão ganhando e outros não. O problema é que os caras não fecham junto. Se não, a gente ia lá no Marcelo e falava, ‘**Qual é?**’”, reclamava um modelo-músico. (*Gente Boa*, 5 de agosto de 2005.)

queijo sm

NS

Cones altos em que dançarinos sobem para exibirem suas performances.

Mulheres sensuais dançando em cima de **queijos** e uma programação de pequenos esquetes serão os destaques do cabaré que Cello Macedo e Marcelo do Rio vão abrir no segundo andar do Devassa da Barra. (*Gente Boa*, 10 de julho de 2006.)

queimação sf

NS

Moral manchada.

Dar, de cara, no primeiro encontro é a maior **queimação**.
Coisa de vagabunda. (*Gente Boa*, 27 de agosto de 2005.)

Obs.: Deverbal formado a partir do verbo “queimar”, no uso de “queimar o filme”(= ficar mal falado).

que meda loc interj

NLoc

Exprime medo.

Ai, **que meda!**

Saiu o “Livro de ouro do sexo”, de Regina Navarro Lins e Flávio Braga, pela Ediouro. No capítulo sobre orgasmo, eles dizem que, do mesmo modo que as mulheres podem exercitar as contrações vaginais, o pompoarismo, o homem pode também exercitar a musculatura do pênis com os seguintes movimentos básicos: o chupitar, o estrangular, o revirginar, o torcer e o travar. A coluna “Gente Boa” não se responsabiliza se algo der errado. (*Gente Boa*, 4 de dezembro de 2005.)

Obs.: Neologismo diastrático oriundo do vocabulário dos homossexuais. Expressa ironia em relação ao fato de se ter medo.

rasgado a

NS

Musculoso, malhado.

O canal gay “For man” fez uma pesquisa sobre o vocabulário usado pela turma GLS. Constatou, por exemplo, que expressões como “arrasar”, “bofe” e “babado” caíram definitivamente no uso popular. Por outro lado, “to bege”(surpreso), “**rasgado**” (musculoso), “ficar pink” (com vergonha) e “HT” (heterossexual) continuam restritas ao universo gay. (*Gente Boa*, 16 de julho de 2006.)

reality show

NLoc

Programa de televisão em que os participantes têm suas rotinas vigiadas por câmeras durante todo o tempo.

Off-Off Rio

A equipe da TV belga que está fazendo um **reality show** no Rio (o lugar certo para um evento desses) descobriu dois hotéis off-off: um em pleno Pereirão, a comunidade de Laranjeiras, e outro no acesso do Morro da Babilônia, no Leme. (*Gente Boa*, 26 de agosto de 2006.)

Obs.: A grafia de *reality show* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

refri sm

NL

Abreviação de refrigerante.

Mas o tenista, em fase de recuperação dos problemas no quadril, que incluem até visitas a um centro espírita, não quis nada alcoólico. “Tem **refri**? Me dá uma Coca aí.” E ficou com o copo de refrigerante, meio tímidosinho ao lado de alguns amigos. (*Gente Boa*, 8 de junho de 2006.)

retrossexual sm

NL

Contrário de metrossexual. (q.v.)

Metrossexual todo mundo sabe, é o homem antenado com as últimas da moda e dos cuidados com a pele. **Retrossexual** é o contrário. É o cara que compra sempre o mesmo tipo de roupa e é capaz de tascar a mão no barbeiro se ele ameaçar lhe propor aparar a sobrancelha. (*Gente Boa*, 7 de agosto de 2005.)

ringtones sm

NL

Toques baixados da internet para o telefone celular.

O funk carioca responde hoje por 15% dos mais de três milhões de **ringtones** baixados pelos assinantes da Claro em todo o país nos primeiros meses deste ano. (*Gente Boa*, 17 de abril de 2006.)

Obs.: A grafia de *ringtones* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

rolar vi

NS

Acontecer um envolvimento amoroso.

Não existe dia seguinte quando não há encontro!!!! O termômetro do amor é reciprocidade. Quando **rola** o movimento vem dos dois lados, é como uma dança!!!! (*Gente Boa*, 27 de agosto de 2005.)

sadomasô a

NL

Abreviação de sadomasoquista, pervertido sexualmente.

Vera Fisher foi às compras dias atrás na sex shop A2 Ella, em Ipanema. Comprou chicotinhos de várias cores e tamanhos, mais lingerie **sadomasô**. Depois explicou: “São para o figurino do meu próximo filme ‘Ratos, serpentes e escorpiões’.” Ah, bom! (*Gente Boa*, 3 de outubro de 2005.)

A C&A de Copacabana resolveu deixar de lado o ar careta de suas vitrines e expôs ali uma modelo trajando uma ousadíssima cinta-liga preta, com ar **sadomasô**. (*Gente Boa*, 16 de fevereiro de 2006.)

selinho sm

NS

Beijo dado ao encostar, rapidamente, os lábios de um nos lábios de outro.

Regina Case, acompanhada pelos dois protagonistas de “Cidade dos homens”, Darlan e Douglas, ganhou **selinho** de Caetano. (*Gente Boa*, 7 de outubro de 2005.)

“Ta bom. Mas só um **selinho**, porque eu acabei de passar batom.” (*Gente Boa*, 31 de dezembro de 2005.)

Obs.: O neologismo só possui valor metafórico quando usado com sufixo diminutivo. Há um “encadeamento” metafórico com o substantivo selo, pois o beijo desse tipo “cola” os lábios como o selo.

ser de quinta

NLoc

Ser muito ruim, de péssima qualidade.

De uma perua da alta sociedade carioca, comentando o imbróglio de Eliana Tranchesi na Daslu: “Ser presa por sonegação, tudo bem. Mas por contrabando? Isso é **de quinta...**” (*Gente Boa*, 15 de julho de 2005.)

show a

NS

Muito bom, maravilhoso.

Esse balé é **show**
Débora Colker ganhará, domingo, ao final de sua temporada de dois meses, uma placa comemorativa pelo sucesso de “Nó”, no saguão do Teatro João Caetano. (*Gente Boa*, 18 de agosto de 2005.)

Obs.: A grafia de *show* vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

soro divergente a

NLoc

Casal em que um só é HIV positivo.

Nova expressão para o dicionário do politicamente correto. Quando uma pessoa de HIV positivo namora outra sem o vírus chama-se o casal de **soro divergente**. (*Gente Boa*, 22 de dezembro de 2005.)

stand in s2g

NL

Dublê; pessoas que auxiliam os atores em cena.

Enquanto os atores descansam, os **stand in** entram em cena. Eles são os dublês dos personagens na hora da marcação da câmera e de luz. Eddy Guaratiba, 1,82m, fica no lugar de Nanini antes de o ensaio oficial da cena. (*Gente Boa*, 26 de agosto de 2006.)

Obs.: A grafia de stand in vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

sucolé sm

NL

Sacolé feito de suco de fruta, vendido na praia de Ipanema.

Claudinho, o criador do famoso **sucolé** do Claudinho, não pode ser encontrado este verão nas areias de Ipanema, onde se consagrou. Ele se mudou para São Paulo onde faz cursos de sorveteria. (*Gente Boa*, 9 de fevereiro de 2006.)

Sucolé do verão

O vendedor ambulante Luis Cláudio Santos, mais conhecido como Claudinho do **sucolé**, é uma das figuras mais conhecidas as Praia de Ipanema. (*Gente Boa*, 28 de dezembro de 2005.)

suzane a

NS

Caracteriza meninas ricas e exageradamente ambiciosas.

Agora é a vez da “**suzane**”. É uma gíria para meninas riquinhas e exageradamente ambiciosas, inspirada em Suzane Richtofen. Funciona mais ou menos assim: “Toma cuidado com a fulana. Ela é a maior **suzane**.” (*Gente Boa*, 23 de julho de 2006.)

Obs.: Epônimo de Suzane Von Ritchthofen, a adolescente paulista que matou os pais com a ajuda do namorado e o cunhado (os irmãos Cravinho). Formação metonímica.

tanquinho a

NS

Sarado; malhado; esculpido pela academia de ginástica.

“O Usher ficou louco pela sensualidade e pela plasticidade dos movimentos da capoeira”, diz Beto, dono do abdômen **tanquinho** mais sarado do Brasil. (*Gente Boa*, 20 de julho de 2006.)

táxi-bicicleta sm

NS

Bicicletas que possuem bancos acoplados para o transporte de passageiros, mediante o pagamento da tarifa, em lugares onde motorizados não podem trafegar.

Depois dos moto-táxis, chegarm ao Rio os **táxi-bicicletas**. O serviço pioneiro está rodando pela bulcólica Ilha de Paquetá. Funciona como uma bicicleta comum, com dois bancos atrás colocados lado a lado. A bandeirada começa em R\$ 5 e, a partir das 22h, passa para R\$ 8. (*Gente Boa*, 26 de agosto de 2006.)

táxi-girl sm

NL

Mulheres que chamam passageiros para os táxis estacionados no ponto.

Além dos piratas e dos meninos entregando papel de “Compra-se ouro”, a Rio Branco tem mais uma ocupação informal atrapalhando a circulação nas calçadas. São as **táxi-girls**. Elas catam passageiros para a multidão de táxis que, por sua vez, parados na avenida, interrompem o trânsito. O horror! O horror! (*Gente Boa*, 25 de agosto de 2006.)

Obs.: Hibridismo sincrônico.

teen a

NL

Abreviação de teenager; adolescente.

Aberto o salão onde aconteceria o leilão, o clima era de festa. Um dos lotes mais disputados foi o que dava direito à presença do ídolo **teen** Felipe Dylon na festa de alguma adolescente da família do comprador. (*Gente Boa*, 1 de setembro de 2005.)

Obs.: A grafia de teen vem diretamente do inglês, configurando-se em empréstimo lexical.

telona sf

NS

Cinema, uma tela maior do que a tela da TV.

Lineu chega à **telona**
Elenco de ‘A grande família’ leva os personagens ao cinema após seis anos na TV. (*Gente Boa*, 26 de agosto de 2006)

TOC

NL

Sigla para o Transtorno Obsessivo Compulsivo.

Antes do tratamento contra o **TOC**, Roberto estava irreduzível. Mas agora ficou de pensar no assunto com carinho. (*Gente Boa*, 24 de novembro de 2005.)

toda-toda a

NL

Ficar envaidecida, se achar (q.v.)

Ao ser convidada para posar sendo carregada por cinco modelos fortões, ficou **toda-toda**. “Ai, adoro isso”, disse, já ajeitando o cabelão. (*Gente Boa*, 14 de janeiro de 2006.)

Obs.: Não houve ocorrência da forma potencial “todo-todo”.

tudo a

NS

Muito bom; excelente.

Após o espetáculo, os convidados participaram de um coquetel. “Eu queria ser aquele teu bofe na novela. Ia ser **tudo!**”, disse o bailarino Sidney Silva, 21 anos, depois de pedir para tirar uma foto ao lado de Vera Holtz. (*Gente Boa*, 13 de julho de 2006.)

“Um homem de verdade, daqueles que te jogam na cama, tacam na parede, uma loucura”, contava, empolgada, enquanto dava a cara para pintar. “Humm... que **tudo!**”, animava-se o responsável pelo “make” da gauchinha de 20 anos. (*Gente Boa*, 13 de janeiro de 2006.)

Obs.: Recategorização gramatical do pronome indefinido, que passa a adjetivo.

turbinada a

NL

Diz-se da mulher que colocou silicone para aumentar o volume dos seios.

O Conar decidiu, por unanimidade, que deverão ser alterados os cartazes da Caracu colocados em pontos de venda nos quais se lê: “Caracu é igual mulher: gostosa pura ou **turbinada**”. (*Gente Boa*, 17 de julho de 2006.)

ubercarregado a

NL

Característica do falar de quem nasce em Uberlândia.

“É a terceira vez que venho à Alemanha, a primeira com esse frio, oxente”, dizia ela com seu sotaque **ubercarregado**. (*Gente Boa*, 29 de maio de 2006.)

um sm

NS

Cigarro de maconha.

Um repórter de TV pediu que Marcelo e Felipe cantassem juntos. “Agora não”, despediu-se D2, “to louco pra fumar **um**”. (*Gente Boa*, 5 de agosto de 2005.)

Obs.: O artigo ou numeral (dependendo do contexto), desde que empregado ao lado de VT (comprar, fumar, pegar, gostar...), passa por um processo de gramaticalização e assume valor de substantivo, sinônimo de cigarro de maconha.

Valério a

NS

Corrupto.

Saiu a letra do “Bloco dos **Valérios**”, que desfilará pela Zona Sul do Rio no carnaval. Escrita por Tavinho Paes, Mário Lago Filho e Ricardo Ruiz, ela é evidentemente feita em cima da música da marchinha “Nós, os carecas”. Diz; “Nós, nós os **Valérios** / Nas cpis somos os maiorais/ compramos a direita para a esquerda / temos a grana das estatais”. (*Gente Boa*, 15 de janeiro de 2006.)

Obs.: Epônimo de Marcos Valério, publicitário envolvido no esquema do Mensalão. Formação por metonímia.

vipado a

NL

Característica de quem é vip; pessoa importante.

É de R\$ 30 mil, no mínimo, e R\$ 60 mil, para os mais **vipados**, o cachê de “presença” que artistas globais vão receber para dar uma passadinha, um jogo rápido, no camarote de uma empresa de telemarketing, no carnaval de São Paulo. (*Gente Boa*, 14 de fevereiro de 2006.)

Obs.: Adjetivo formado a partir de derivação sufixal da sigla VIP (Very Important Person = pessoa muito importante), empréstimo lexical do inglês.

zoomóvel sm

NL

Zoológico ambulante.

Zoomóvel

A prefeitura vai ter um zoo ambulante. A primeira-dama Mariangeles Maia conseguiu a doação de um ônibus novo, com telão, ar-condicionado e ruído de selva, que levará animais até escolas de áreas remotas. (*Gente Boa*, 10 de julho de 2005.)

zelador-de-santo sm

NL

Pai-de-santo; responsável pelo culto dos orixás.

Danilo é também pai-de-santo. “Bato tambor mesmo”, afirma, já se apressando para contar que não existe na religião a figura de pai-de-santo”. O certo, explica, é **zelador-de-santo**: “Santo não tem pai”. (*Gente Boa*, 26 de fevereiro de 2006.)

Obs.: Analogia ao vocábulo “pai-de-santo”, que significa “chefe espiritual e administrador da casa, no candomblé”. (Houaiss)

zuzunguinho a

NL

Bonitinho, fofinho.

A platéia também não se continha nos momentos engraçados, como quando Cissa Gimarães atende o telefone. “Oi, **zuzunguinho**”, disse toda melosa para o novo namorado. (*Gente Boa*, 3 de novembro de 2006.)

Obs.: Vocábulo formado com reduplicação hipocorística (zuzunga) e derivação sufixal afetiva.

6. CONCLUSÃO

O presente trabalho procurou levantar os neologismos presentes na coluna *Gente Boa*, veiculada diariamente pelo Jornal *O Globo*, no período entre março de 2005 e janeiro de 2007, com o objetivo de mostrar que essa coluna jornalística possui uma linguagem rica e expressiva, retratando o perfil lingüístico das classes visadas socialmente.

Diante do exposto, podemos observar que o estudo do léxico nos mostra como o falante pode ser criativo a partir dos recursos oferecidos por uma língua.

As colunas sociais, somadas ao ritmo imprevisível e acelerado da sociedade contemporânea, fazem com que a atividade lingüística de criação e ampliação dos significados dos vocábulos fique mais intensa, tornando mais rápido o processo de neologia. Isso nos remete a André Martinet, quando diz que é no léxico de uma língua que são refletidas mais claramente as realidades não-lingüísticas .

Os exemplos levantados pelo glossário (capítulo 5) mostram que um estudo acerca da riqueza das formações de vocábulos pode servir como fonte para outros trabalhos sobre a língua portuguesa e dará conta da descrição de um tipo de linguagem que, diferente do que se costuma apregoar, muito tem de original e criativa.

Desse modo, vemos a possibilidade de enriquecermos a língua com os neologismos encontrados nas colunas sociais, especificamente, na coluna *Gente Boa*, nosso *corpus*.

O trabalho mostrou que o léxico é a parte “viva” da língua, aquela que está sempre aberta a inovações oriundas da diversidade dos seus usuários. Entre os neologismos registrados, através das abonações, encontramos vocábulos que têm sua formação relacionada a grupos de adolescentes, meio em que se dá, com maior frequência, a criação neológica. Simone Nejaim Ribeiro, em sua Tese de Doutorado sobre a linguagem do adolescente, tece o seguinte comentário sobre o léxico:

Observando o léxico das línguas especiais, vê-se que ele é organizado pela formação de novos vocábulos, a partir de elementos da língua comum, por meio de significação nova, ou pelo uso de elipse e de troca de classe gramática, o que serve de excelente material para a comprovação da vitalidade da língua. Além disso, mesmo nas vezes em que os vocábulos originais ou os oriundos de línguas estrangeiras não são entendidos da forma como deveriam, isso não impede sua utilização, ainda que foneticamente alterada ou adaptada pela pronúncia. Como esses vocábulos são utilizados por muitas pessoas, acabam sendo incorporados com as eventuais modificações provocadas pelo princípio do menor esforço ou da economia de energia ou pela analogia. (2006:32)

Certamente, muitos neologismos veiculados na coluna *Gente Boa* acabaram atingindo o vocabulário de milhares de leitores, fato que acarreta na sua possível desneologização, ao serem incorporados pelos dicionários.

A análise feita durante o capítulo 3 teve como objetivo estudar a linguagem característica das colunas sociais e traçar a história dos neologismos no Brasil, desde o momento inicial de seu registro em gramáticas e dicionários, até os dias atuais, nas publicações de gramáticos e lingüistas.

Como o pretendido era uma abordagem brasileira, preferimos deter-nos nos autores nacionais, deixando de fora os portugueses. Um marco importante em

nossa cronologia é o surgimento da NGB que, sem dúvidas, alterou a visão dos autores sobre o assunto.

De maneira sucinta, fizemos um apanhado de autores e obras que de alguma forma contribuíram para os estudos sobre a neologia no Brasil, seja por terem se mostrado favoráveis à introdução dos vocábulos neológicos no léxico do português brasileiro, seja pelo seu purismo contrário à implementação desses vocábulos.

Definiram-se, mais adiante, os critérios para a seleção do *corpus*, a organização da nominata e as definições dos verbetes.

No glossário apresentado no final do trabalho, registram-se 150 verbetes, com as respectivas abonações, sendo 86 neologismos lexicais (NL), 35 neologismos semânticos (NS) e 29 neologismos locucionais (NLoc)

É importante ressaltar que a produtividade lexical registrada mostra o uso de mecanismos de formação de palavras através dos processos tradicionais de composição e derivação, bem como a ampliação do campo semântico de algumas das palavras já existentes e dicionarizadas. Outras vezes, constatou-se a assimilação de palavras oriundas de classes ou grupos específicos (q.v. *alemão*), os neologismos diastráticos.

Nossa pesquisa serve para comprovar a vitalidade e a riqueza da língua portuguesa, sob os pontos de vista morfossintático, semântico, fonológico e estilístico. Esperamos que esse trabalho possa contribuir para os estudos lexicográficos, de modo a que outras pesquisas aconteçam nesse campo.

7. Referências Bibliográficas

----- . *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: A Academia, 1999.

ALI, Said. *Gramática Secundária*. São Paulo: Melhoramentos, /s.d./

ALVES, Ieda Maria. *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. São Paulo: FFLCH/USP, 1996

_____. *Neologismo, criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

AULETE, Francisco Júlio Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira ver. e atual. Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Delta, 1970. 5 vol. 1. Ed. 1881.

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à Sintaxe do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BALDINI, Lauro. *A NGB e a autoria do discurso gramatical*. In: *Línguas e instrumentos lingüísticos*, nº 1. São Paulo: Pontes, 1998.

BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Ed. Nacional, 1975.

_____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BINDERMAN, Maria Teresa C. *Teoria lingüística – lingüística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1978.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de Dicionários: uma introdução à lexicografia*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CADERNOS de Língua Portuguesa, ano III, vol. 1, nº 4. Rio de Janeiro: Instituto de Letras da UERJ, 2003.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos lingüísticos*. s/ed. São Paulo: Ática, 1989. 83p.

CÂMARA, Joaquim Mattoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1989.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. 1: A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

CHARAUDEAU, P. *Grammaire du sens et de l'expression*. Hachette, Paris: 1992

_____. *Para uma Nova Análise do Discurso*. In: CARNEIRO, Agostinho Dias et al. *O discurso da mídia*. Rio de Janeiro : Oficina do Autor, 1995, Série Investigações Lingüísticas, v. 2

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. *A linguagem da política: inovações lingüísticas no português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 840+104p.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838p.

_____. *Novo Aurélio Século XXI*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FINATTO, Maria José B. “O papel da definição de termos técnico-científicos”. In: *Revista da ABRALIN*, vol. 1, nº 1, Rio de Janeiro, julho de 2002, pp. 73-97.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia Portuguesa em perspectiva sincrônica*. Instituto de Letras, 2006, texto digitado.

_____. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1997.

_____. & SIMÕES, Darcília. (orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

_____. (orgs.). *Língua e cidadania: novas perspectivas de ensino*. Rio de Janeiro: Europa, 2004.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989

_____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002

LAZARFELD, Paul & MERTON, Robert. *Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada*. In: ROSENBERG, Bernard & WHIT, David M. (org.) *Cultura de massa*. São Paulo: Cultrix, 1973.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 17ª edição. Rio de Janeiro: ed. José Olympio, 1974

MACIEL, Maximino. *Gramática Descritiva*. 5ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1912.

MARIANI, Bethania. *Colonização lingüística e efeitos de memória*. In: *Revista Línguas e instrumentos lingüísticos*, nº 12. São Paulo: Pontes, 2003.

MARTINET, André. *Elementos de lingüística geral*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1975.

MATEUS, Maria Helena Mira, Brito, Ana Maria, DUARTE, Inês Silva & FARIA, Isabel Hub. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1983.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Ana M. P. P. de & ISQUERDO, Aparecida N. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Mato Grosso do Sul: Ed. UFMS, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Língua e conhecimento lingüístico; por uma história das idéias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

PINTO, Edith Pimentel. *O português do Brasil. Textos críticos e teóricos*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

RIBEIRO, João. *Gramática portuguesa*. Curso Superior. 22^a ed. refund. Rio de Janeiro: F. Alves, 1933

RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa*. 9^a ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1910.

RIBEIRO, Simone Nejaim. *Os neologismos nas publicações voltadas para adolescentes*. Rio de Janeiro: IL / UERJ, 2006 – Tese de Doutorado.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. “Guimarães Rosa: criação lexical, bloqueio e desbloqueio”. In: *Seminário Internacional Guimarães Rosa* (1998: Belo Horizonte). *Veredas de Rosa*. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2000, pp.364-370.

SILVA, Pacheco & ANDRADE, B. P. Lameira de. *Noções de grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Typ. Central de Evaristo Costa, 1887.

SOUSA LIMA, M. P. de. *Gramática expositiva da língua portuguesa*. São Paulo: ed. Nacional, 1937

VALENTE, André Crim. *A Linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997. 240p.

_____. *A produtividade lexical em diferentes linguagens*. **In:** AZEREDO, José Carlos S. de (org.). *Língua Portuguesa em debate*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Produtividade lexical: criações neológicas*. **In:** PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GAVAZZI, Sigrid (orgs.). *Da língua ao discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

VIEIRA, Frei Domingos. *Grande dictionario portuguez ou thesourso da lingua portugueza*. Porto: Ernesto Chandron e Bartolomeu H. de Moraes, 1871.